

★ A SEU BEL-PRAZER¹

Sabina Berman

Tradução de Hugo Villavicenzio

*Je prends mon plaisir
Là où il se trouve
(sans chercher ailleurs)
et s'il doit m'en coûter,
mieux vaut changer de plaisir²*
(MOLIÈRE apud BERMAN, 1998, p. 71)

Anotações para a encenação

A *seu bel-prazer* pode e deve permitir múltiplas encenações. No entanto, o texto tem um desenho, uma forma de produção específica.

O cenário consiste em uma área central de representação frente ao público, com saídas, à direita e à esquerda, e duas cortinas, uma na frente e outra no fundo. As cortinas devem ser abertas e fechadas rapidamente para não interromper o fluxo da ação dramática. Atrás da cortina do fundo, existe um espaço elevado e profundo que é três vezes maior que o espaço central.

A maioria das cenas, como as íntimas que correspondem ao mundo de Molière, acontece no espaço menor e central. No espaço maior, são representadas as cenas épicas que correspondem ao mundo de Racine e Luiz XIV.

O texto inclui também algumas indicações musicais. Em uma montagem ideal, existiria uma reduzida orquestra de câmara, regida por Lully, que deveria ser interpretado por um ator músico.

Também podemos imaginar um Lully que seja capaz de tocar um instrumento, talvez uma cítara, executando melodias cheias de sonoridade.

Limitei-me a mencionar apenas uns vinte momentos que podem ser animados com música, para não abarrotar de rubricas o texto. Na montagem original, a música foi empregada em profusão.

Finalmente, um comentário sobre o protagonista. Molière é muito mais do que um personagem central e sua história. Existem cenas resgatadas de seus manuscritos, cenas que foram editadas e parafraseadas. Há frases suas disseminadas a esmo. Frases dos seus amigos e dos seus inimigos. Espero que seu espírito também esteja presente.

Penumbra nos bastidores do teatro Palais Royal, escuridão no palco. Discretamente, a pequena luz de uma vela entra e se movimenta pelo palco. Entre as coxias, de costas para o público, sentados em dois banquinhos, os irmãos Racine acompanham a evolução do lume. Jean Racine, 32 anos, trajado pobremente, mas tentando ser elegante. Seu irmão, Gonzago Racine, trinta anos, usa batinha gasta, é um padre bem-humorado.

1 BERMAN, Sabina. *Puro Teatro*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. Originalmente o título da peça é *Molière*, entretanto, para a versão brasileira, a autora solicitou que o texto fosse intitulado *A seu bel-prazer*.

2 "Costumo recolher meu prazer/Onde ele floresce/Não vou procurá-lo alhures/Se tiver que lutar por ele/Prefiro trocar de prazer". (Versão livre do tradutor).

Escutam-se risos leves de um público que não conseguimos ver.

O diálogo seguinte é um murmúrio.

Racine Do que estão rindo? Não entendo do que estão rindo.

Gonzago É uma comédia, Jean. Deixa a gente feliz.

Racine Estou vendo. Mas eles estão rindo do quê?

O ator que conduz a chama tropeça e fala: "Perdão!" O riso continua.

Racine Trapalhadas, confusões e bobagens. O teatro deveria servir para mostrar os mais nobres sentimentos; deveria servir para arrebatara o espírito, fazendo-o atingir a grandeza dos céus.

Escuta-se um peido no palco.

Racine O que foi isso?

Mais risadas do público invisível.

Gonzago Um peido.

Racine Elevada poesia!

Gonzago É melhor a gente se encontrar na pousada, à meia-noite.

Racine Não, tenho que aturar até o final. O Rei está rindo?

Gonzago (olhando com o binóculo) O Rei?

Racine É, o Rei. Lá no camarote central, no camarote do Rei. Me dá! (pega o binóculo)

Tropeção monumental do ator que carregava a chama, seguido por um golpe forte e seco, o grito abafado com a mão, o miado de um gato pisoteado e o latido de um cachorro. Risadas muito fortes.

Gonzago Acho que o Rei também está rindo.

Racine A França estaria em perigo se o Rei risse dessas tolices. Ele apenas sorri por amabilidade, como quem disse bom, já que estamos

aqui, não tem outro jeito. Suporta tudo heroicamente, sentado entre o Arcebispo com sua fuça inchada e o tal de La Fontaine.

Gonzago La Fontaine?

Racine O escritor de fábulas de asnos e porquinhos.

Molière Acho melhor passar a noite quieto. Amanhã vai ser menos perigoso.

De repente, acende-se a luz do palco, revelando um jardim. Madeleine e Armande entram vestidas como duas burguesas ricas. Molière ronca deitado à sombra de uma árvore. Aplausos do público invisível.

Gonzago (deslumbrado) Como é que fizeram isso? Passaram da noite para o dia num abrir e fechar de olhos.

Racine Acenderam umas quinhentas velas, assim, num passe de mágica.

Gonzago Acho que foram umas cinco mil.

Madeleine e Armande (encontrando Molière) O retrato!

Elas pegam o retrato das mãos de Molière enquanto Barão, oculto atrás de outra árvore, volta a soltar um pum. Gargalhadas.

Madeleine e Armande E uma flatulência!

Racine Pelo amor de Deus!

Ferido em sua sensibilidade, afasta-se para meditar no escuro.

Madeleine e Armande (achando Barão) E a carne do retrato!

Enquanto as duas mulheres perseguem Barão, este foge por entre as árvores.

Racine Gonzago!

Gonzago O que é, Jean?

Racine De repente, meu destino ficou absolutamente claro.

Gonzago Fala.

Armande (*aparecendo*) Foi o que ouvimos no palco.

Gonzago Desculpe.

Prevalece a conversa entre os irmãos.

Racine A França precisa de mim. Precisa de um César da língua francesa, de um Alexandre o Grande que desfaça o nó górdio dos grandiosos sentimentos franceses fazendo-os brilhar por toda a eternidade.

Gonzago É isso aí, Jean. A França precisa de você. Ela só tem que ficar sabendo disso. Mas...

Racine O que é?

Gonzago Você tem um buraco na casaca. Bem ali. (*aponta para a barriga dele*)

Racine Merda. Eu tinha costurado.

Gonzago Coloque a mão na frente para cobrir o buraco. Desse jeito ficará com ar de aristocrata.

Racine olha incrédulo. Que irmão idiota que o destino lhe deu de presente.

Barão, 19 anos, pula pelo buraco de uma janela, caindo justamente entre os irmãos. Faz uma pirueta no ar e cai de pé. Ele é um rapaz bonito, está transpirando e exultante.

Gonzago Ótimo, Barão. Seu peido foi sublime.

Racine (*torcendo a boca*) Sublime.

Barão *Merci*. Estão bem acomodados?

Racine Estarrecidos.

Gonzago *Merci*.

Barão Bom, estou voltando para a tourada.

Dirige-se até uma parede onde encontra o seu próximo figurino. Enquanto se troca, a ruiva Madame du Parc entra no palco, primorosamente vestida como uma duquesa. Sob os aplausos da plateia invisível, Racine vira-se para falar diretamente com o público.

Racine É a primavera de 1664. Estamos nas coxias do Palais Royale, no teatro do grande

Molière, que Boileau batizara de o contemplativo; de quem Corneille afirmava que era o sábio da ingenuidade encantada. A quem eu apenas tinha assistido uma vez e já estava me sentindo (*torcendo a boca*) arrasado pela profunda idiotice e vulgaridade, não apenas de Molière, mas também do público de Paris.

Escuta-se uma gargalhada distante.

Racine Suas gargalhadas horrendas, suas panças tremulantes, seus dentes à mostra, suas escandalosas bocarras abertas, matracando como selvagens.

Renée (*falando para os maquinistas detrás de uma coxia*) Escuro em quatro. Quatro, três, dois...

Barão atravessa o palco vestido de Anjo, pedalando histericamente um monociclo. Os atores gritam e caem enquanto ele passa. A música aumenta junto com uma gargalhada geral.

Armande (*por causa da gritaria*) Cuidado, Anjo!

No escuro, escuta-se o estrondo da batida do Anjo contra uma das paredes. As risadas vão sumindo.

Palco do Palais Royale

Comandando sua companhia de comediantes, Molière fica de joelhos e com os braços abertos. Ele tem 45 anos, mas é ágil como um jovem bailarino. Usa cabelo comprido e camisa com os punhos das mangas desabotoados. Atrás dele ajoelham-se as duas mulheres da sua vida, a mais jovem, Armande, tem 19 anos e a outra, Madeleine, é de uma beleza madura aos 49 anos. Parecem ser a mesma mulher com idades diferentes, de fato são mãe e filha. Atrás delas ajoelha-se o restante da companhia, a ruiva du Parc, o belo Barão e Renée, a cozinheira e assistente de direção.

O Rei entra no palco aplaudindo discretamente. É o esplendido Rei Luiz XIV nos seus radiantes 25 anos, “o homem mais belo da Europa” segundo os

cronistas, alto e magro, cabelo e bigode castanho. Um passo atrás, à sua direita, o frio e experiente Arcebispo Péréfixe, na sua batina vermelha, só finge aplaudir; outro passo atrás, à sua esquerda, La Fontaine, 47 anos, aplaude sinceramente.

Rei Bravo, Molière! Bravo! Quanto engenho, quanto brilho. Quanta, quanta... candura, La Fontaine!

La Fontaine Sem dúvida, majestade. Quanta candura e inocência.

Rei Isso é melhor, quanta inocência.

Lully E quão radiosa ingenuidade.

Rei Ingenuidade? Não, nem um pingão de ingenuidade. É radiosa demais, Lully. Mmmm...

La Fontaine Preciosa.

Lully Que tal, graciosa, majestade?

Rei Eu já não disse isso antes?

Lully Certamente, majestade, e foi perfeito.

Rei Em todo caso temos nos deparado com dois adjetivos primorosos. Não é verdade, meu mestre das Letras? (*refere-se a La Fontaine*) Não existe ninguém no meu reino mais gracioso e inocente do que Molière.

Perplexos e despenteados, Racine e Gonzago, infiltram-se pelo fundo do palco. Racine coloca a mão direita elegantemente sobre a barriga.

Rei Monsenhor, você não acha que Molière é nosso São Francisco de Assis?

Arcebispo Majestade, eu acho que as damas deveriam cobrir seus decotes escandalosos na presença de um sacerdote.

O Rei puxa um lenço de sua manga e entrega para Madeleine cobrir o peito. O mesmo é feito por La Fontaine e Lully que oferecem seus lenços para Armande e a du Parc. Durante a revoada de lenços:

Rei Depressa, senhoras.

La Fontaine (*baixinho*) Depressa, senhoras, que nosso Arcebispo é muito fraco à tentação da carne.

Risadas comportadas.

Arcebispo Sobre sua pergunta, majestade, permita lembrar alguma de nossas aulas de religião.

O Rei muda o pé de apoio. É imitado pelos demais, todos se preparam para escutar uma exaustiva aula de religião.

Arcebispo (*fazendo uma citação*) “Não é à toa que o afortunado ri na Terra. Fica encantado com tudo porque ele tem tudo, até o momento em que não tem mais nada, então se lamenta enquanto a cinza chove sobre sua cabeça.”

Gonzago São João Crisóstomo.

Arcebispo Quer dizer, por que Molière não poderia ser feliz? Suas boas relações têm lhe proporcionado uma fortuna considerável. Vive cercado pelo amor do próximo. O Rei ergue sua mão para protegê-lo. Mas, suponhamos, por um instante, que ele perdesse tudo. (*o Arcebispo desfruta da tensão provocada*) Suponhamos que perdesse de repente seu dinheiro. A adoração do povo. Os favores do Rei. O que veríamos então é o que existe por debaixo da máscara feliz do comediante. A dor comum dos mortais, cuja alegria provém dos prazeres deste mundo, não da graça divina, diferente do casto São Francisco, cuja graça provinha de Deus.

Rei La Fontaine?

La Fontaine Majestade, a questão levantada pelo Arcebispo é a seguinte: a felicidade de Molière é tão superficial e mutável quanto os prazeres deste mundo? Ou sua alegria é incondicional porque provém do único ser constante que é Deus? Conhecendo Molière, eu aposto na segunda. Molière, tal qual um santo, não deixaria de rir ao abismo.

Arcebispo Ah, essa é aposta de La Fontaine.

La Fontaine Efetivamente, eu aposto nisso, Monsenhor.

Arcebispo E qual é o valor da sua aposta? Talvez, quinhentas libras?

Escuta-se um oh! dos espectadores.

La Fontaine Ah! Eu...

Lully Monsenhor, humildemente, eu aposto mil libras que Molière continuaria rindo mesmo numa cruz e vestindo uma tanga.

Outro oh! dos espectadores.

Arcebispo Cinco mil libras, Lully.

Lully Cinco mil e uma, Monsenhor.

Risadinhas.

Arcebispo Trinta mil, Lully.

Mais um outro ooooooh! dos espectadores.

Lully Monsenhor, de repente seu argumento me convenceu, sobretudo os números. Se eu tivesse trinta mil libras construiria um palacete em Paris.

Risadas breves e nervosas.

Rei E você, Molière, não aposta? Ou declara-se ignorante, qual margarida dos campos, sobre a origem da sua graça.

Molière Alteza, eu acredito que para ser eternamente feliz só preciso da sua permissão para trocar de joelho.

Enquanto os espectadores riem.

Rei Monsenhor, aposto trinta mil libras pela alegria eterna de Molière. E você, Molière, pode trocar de joelho.

Enquanto os atores trocam de joelho, a cortina frente ao palco fecha-se rapidamente.

Perante a cortina

O Rei aparece risonho e solto perante a cortina, seguido por sua comitiva. Todos se encaminham para a saída.

Rei Uma tirada divina, você não acha?

La Fontaine Inspiradíssima, Alteza.

Rei Trocar de joelho.

O Arcebispo e Gonzago ficaram para trás, eles falam em voz baixa enquanto encaminham-se para a saída.

Arcebispo Ah, sim. Racine, Jean Racine.

Gonzago O meu falecido pai falava do senhor..

Arcebispo Suicidou-se.

Gonzago Infelizmente, Monsenhor.

Arcebispo O que você sabe fazer além de rezar?

Gonzago Meu irmão e eu fizemos estudos superiores.

Arcebispo Sabe reconhecer venenos?

Gonzago Venenos? Posso aprender se alguém me ensinar.

Arcebispo Impossível, meu provador de venenos morreu faz duas semanas. Procure-me no arcebisgado.

Abre-se a cortina. Estamos novamente no Teatro do Palais Royale.

Palco do Palais Royale

Racine continua com a mão direita na barriga, escondendo elegantemente o buraco de sua casa. Atrás dele estão sendo arriados dois candela-bros de cinquenta velas que iluminaram o palco durante o espetáculo. Barão e Renée agitam os braços organizando a descida.

Madeleine surpreende Racine pelas costas.

Madeleine Monsieur Racine?

Racine Madame Molière.

Racine pega com sua mão esquerda a mão de Madeleine para beijá-la.

Racine Madame, admiro muito seu filho. E a senhora também, certamente. Atriz inigualável, mãe de um gênio que graças à justiça dos anjos...

Madeleine Quando chegou a Paris?

Racine Faz três dias, vim especialmente para...

Madeleine Isso explica tudo. Venha, ele vai recebê-lo.

Ela vira-se e começa a andar enquanto Racine a segue intrigado.

Racine Explicar o quê?

Madeleine Que o senhor não saiba que eu não sou a mãe de Molière. Sou a mulher dele faz vinte anos.

Racine Desculpe, me perdoe. Realmente eu não sei como... Não sei o que dizer.

Madeleine Não fale nada. É mais sábio.

Madame du Parc entra caminhando no sentido oposto a eles. Música de amor à primeira vista. Ela está tirando o apertado corselete, Racine vira-se e caminha de costas antes de deixar o palco, para poder ver por um momento o busto desnudo da mulher ruiva. Nesse instante, aparece Lully que persegue o Barão, eles se beijam na boca. Racine fica pasmado com a cena. Depois, fica desorientado, dá uns passos no rumo errado, percebe isso, gira em torno de si e finalmente sai pelo lugar por onde saiu Madeleine.

Camarrim

Um biombo, uma mesa pequena, taças, uma garrafa e duas cadeiras. Molière e Armande entram, ele a está beijando.

Molière O que você quisier.

Armande O que eu quisier?

Molière Farei de você a atriz mais famosa da França.

Armande abraça Molière, ri em seu ouvido. Molière fica de joelhos e se enfia debaixo do vestido de Armande.

Armande Ai, não, não, não. Devagar. Ai! Ai, assim! Desse jeito, sim.

Molière (*falando debaixo do vestido*) Tenho uma surpresa para você. Tem um padre esperando para nos casar.

Armande (*assustada*) Quando?

Molière Hoje à meia-noite.

Armande Não.

Molière Não, o quê? Não está contente?

Armande Não, mas... Sim, mas... Mudei de ideia.

Molière Mudou de ideia?

Armande (*coabrindo-lhe a boca com a mão*) Deixe-me falar. Você sempre me interrompe. Deixa eu explicar.

Breve silêncio.

Armande Molière, me deixe ser sua amante em segredo. Não quero que minha mãe fique envergonhada.

Molière (*afastando-lhe a mão*) Armande, sua mãe e eu não estamos casados pela igreja.

Armande Mas, dormem juntos faz vinte anos.

Molière Faz oito anos que não fazemos amor.

Armande Não quero saber.

Molière Você sabe do que a gente fala na cama?

Armande Não quero saber!

Molière Sobre a administração do teatro.

Madeleine para um instante no corredor, ela ouviu parte da conversa. Depois, continua a andar, muito devagar, completamente esquecida do homem que a segue, de Racine.

Armande Ela dirá: "Por que tinha que ser justamente com a minha filha? Por que não foi...?"

Molière Eu tentei com quantas atrizes? Se não fiquei sífilítico, foi por milagre. Como é que fui me enamorar da sua filha, justamente da sua filha...

Madeleine desfalece e apoia a mão na parede.

Armande Não perdemos nada mantendo nosso caso em segredo.

Molière Armande, você carrega uma criança nossa.

As pernas de Madeleine dobram. Ela está prestes a cair, mas Racine a ampara. Madeleine fica olhando para este desconhecido.

Molière Você quer que nosso filho seja um bastardo?

Pausa. Madeleine dirige-se à porta com passos incertos; Racine, galante, estende-lhe a mão para que se apoie. Enquanto isso, no camarim.

Armande Tudo bem, mamãe vai ...

Molière Vai entender.

Armande Se por acaso mamãe...

Madeleine bate à porta. Molière e Armande ficam amedrontados.

Madeleine Molière.

Molière e Armande movimentam-se rapidamente, ela esconde-se atrás do biombo, ele aparenta indiferença.

Molière Madeleine! Eu estou aqui com... (*abrindo a porta*) Entra, entra. Estou, estou aqui com ... (*procura Armande com o olhar*) Com ...

Madeleine Você ia receber *monsieur* Racine, lembra?

Molière Ah, sim, é verdade. Entre, entre, sente-se, por favor. Corrigindo, sentem-se. (*Molière pega a garrafa de champanhe*) Aceitam um...

Madeleine vai embora, apressada. Breve pausa, Racine e Molière olham-se. Os dois homens começam a falar ao mesmo tempo.

Racine Meu senhor, eu agradeço infinitamente...

Molière Que bom que o senhor veio, mas...

Pausa curta. Os dois recomeçam ao mesmo tempo.

Molière Tenho um encontro daqui a pouco e...

Racine Fico deslumbrado com sua genialidade inigualável.

A expressão deslumbrado, fica suspensa no ar. Racine torce a boca e a rolha do champanhe es-

toura. Molière serve duas taças, entrega uma para Racine.

Molière Senhor, pela alegria...

Encostam as taças. Mas, antes de Molière conseguir beber...

Racine Para que o senhor nunca perca nenhuma de suas graças e para que a aposta do senhor Arcebispo jamais aconteça.

Encostam novamente as taças e bebem. Atrás do biombo, Armande tirou o vestido.

Racine fica surpreso com o borbulhar do champanhe que lhe provoca cócegas.

Molière Vinho branco com ar. Uma feliz invenção do povo da região de Champanhe. (*Molière deixa sua taça na mesa e senta-se em uma das cadeiras*) Agora, falando de coisas sérias... Saiba que daqui a pouco tenho um compromisso e... Quer dizer... (*pega o manuscrito que estava na mesa, na capa desponha a palavra Tragédia*) Tenho lido sua tragédia. Gostei. É ...

Racine (*faminto de adjetivos*) Gostou? É...

Molière É... É muito... Muito... muito... muito trágica. Bem no estilo de Corneille, não é verdade?

Racine Então vai me montar, *monsieur*.

Molière (*surpreso*) Montar o senhor? Montar em que sentido, senhor?

Racine Montar a minha peça. É uma maneira de falar.

Molière ri pegando no joelho do jovem escritor. Racine fica ainda mais tenso com o contato físico.

Molière Certo, uma maneira de falar. O senhor falou de montá-lo como dramaturgo. Agora muito bem, o senhor prefere que o monte por trás ou pela frente?

Molière volta a rir. Atrás do biombo, Armande também ri, Racine torce a boca. Molière caminha

para trás, aproximando-se do biombo, silenciando a jovem.

Molière Desculpe, não consegui me conter. Como estava dizendo, falemos de sua tragédia. (para Armande) Shhh! (para Racine) É sua primeira tragédia? (Armande dá uma palmada na bunda de Molière, este pula)

Racine Desculpe?

Molière (muito sério) Estou dizendo que deve ser a sua primeira tragédia.

Racine Não, *monsieur*, a segunda. Levei a primeira para a companhia do Marais.

Molière Eles são muito bons de tragédia.

Racine Fui aconselhado por eles...

Molière Meu amigo, escute o conselho deles. Se alguém sabe alguma coisa sobre tragédias, são eles.

Racine Para tacar fogo nela.

Molière Ah! Bom! Gente de teatro costuma ser cruel.

Armande surge por trás do biombo, usando um lenço de seda, pega a taça de champanhe de Molière e encaminha-se para a saída.

Molière (acompanhando a saída dela, fala baixo) O que falo para o padre? (com insistência) Armande, o que eu falo para...

Armande joga champanhe nele e sai.

Molière Isso quer dizer sim ou não? (para Racine) Desculpe outra vez. É a minha... A filha da minha... Resulta que hoje estou um pouco atrapalhado. Onde estávamos?

Racine Estávamos falando de o senhor montar a minha tragédia.

Molière Ah, sim, de montá-lo. *Monsieur* Racine, eu vou ser muito sincero com o senhor... (Molière volta a sentar-se na cadeira)

Racine O senhor pode ser brutalmente sincero comigo. Faça o favor.

Molière A última vez que montei uma tragédia o público jogou maçãs.

Racine Que desacato.

Molière A temporada foi um desastre e acabei machucado. Sua tragédia, eu dizia, é fascinante, fascinante. Mas, não quero levar o senhor ao fracasso.

O olhar de Racine fica umedecido, ele junta as mãos como quem implora a Deus Pai.

Racine Eu tenho certeza de que o senhor pode ser um grande ator trágico.

Molière Não, não acredito.

Racine O maior ator trágico da Europa. Com o texto apropriado, seu prestígio aumentaria incrivelmente.

Molière Sei que fazer o público sofrer dá mais prestígio, mas...

Racine Você escutou o que o Arcebispo falou sobre a comédia.

Molière Péréfixe é apenas um espectador.

Racine Assim como os membros da Real Academia de Artes.

Molière Trezentos espectadores.

Racine Mas, são eles que vão escrever a história, *monsieur*.

Molière *Monsieur* conhece outro tempo além do presente?

Racine Insuportavelmente leve, é o que dizem os acadêmicos sobre o senhor. Banal e desprovido de transcendência como uma bolha de sabão.

Molière Gostei da metáfora, essa é a minha aspiração, ser tão leve quanto uma bolha de sabão.

Racine Reconheça, mestre, a tragédia é o maior gênero artístico, o mais verdadeiro porque se aventura nas profundezas da vida. Lá, onde tudo não é outra coisa do que ruínas, cadáveres e esquecimento.

Molière Escute a dica de um velho comediante.

Racine Sou todo ouvidos, mestre.

Molière Não seja presunçoso.

Racine (fica de boca aberta)...

Molière Não pretenda bancar Deus. Nem o se-

nhor, nem eu, nem o padre Péréfixe, ninguém sabe nada do futuro, muito menos da morte. Agora, todos conhecemos o segredo da nossa existência.

Racine Que segredo?

Molière Se o senhor ainda não percebeu, vou traduzi-lo para o idioma dos homens, apesar de ficar reduzido. A cada momento, por mais pressa que tivermos, devemos fazer uma parada, um silêncio e fazer uma escolha. Escolher por exemplo ser leves ou pesados. (*piscando um olho*) Ser leve sempre é melhor. Por causa disso, a comédia enche os teatros e a tragédia os esvazia. Bom, agora tenho que ir.

Racine (*deseperado*) Não! Mestre, fique mais um pouco, pelo amor de Deus.

Molière ri.

Racine (*pelo público, mas sem olhar para ele*) De repente ele estava rindo não sei do quê, na minha própria cara.

Molière Não, *monsieur*. Sinto muito mais agora tenho que...

Levanta-se, aponta para a porta, onde surge Armande indo em direção a eles, Molière continua falando, mas não conseguimos escutá-lo. Só escutamos Racine, que também se levantou da cadeira.

Racine Pensei, meu Deus, que decepção enorme. Então esse era o grande poeta Molière, um sátiro, erotômico, libertino, lúbrico, blasfemo, obsceno...

Molière Foi uma honra para mim também.

Racine Beirando os cinquenta anos e enrabichado pela filha!

Molière Não deixe de me enviar suas próximas comédias.

Racine Desculpe, eu quis dizer, sua quase filha, sua enteada, a filha da sua amante de vinte anos.

Molière Desculpe, eu quis dizer, suas tragédias.

Racine Uma jovem coquete de beleza e inteligên-

cia levemente abaixo do normal que chama Molière na intimidade de...

Armande Piolhinho.

Racine Piolhinho! Pensei em me suicidar.

Molière retira-se caminhando de costas, na direção em que é levado por Armande.

Molière Boa noite, fique à vontade. Pode acabar o champanhe, mas tome cuidado ao sair, o corredor está muito escuro.

Racine Me afogar nas águas verdes do rio Sena, como fez meu pai.

Molière (*saindo e piscando um olho*) A gente não quer tragédias aqui.

Racine Meu Deus, para que tanto sofrimento se a morte cura tudo.

Longo silêncio.

Racine Fiz o contrário, fui embora para longe. Para um convento nas montanhas, tentando derrotar meu orgulho, fazendo trabalhos vis como esfregar o chão e lavar batinas.

Na sala do Arcebispo

Gonzago entra sorrateiro, vestindo batina nova.

Gonzago (*fala abrindo os braços*) E nem sequer se despediu do irmão.

Racine aproxima-se e dá um abraço caloroso em Gonzago. Ambos passeiam enquanto conversam.

Racine Pelo menos deu para escrever outra tragédia.

Gonzago Já faz três anos daquilo.

Racine De querer me jogar no Sena?

Gonzago Não, do casamento incestuoso de Molière. O Arcebispo convocou-o para falar sobre isso.

Racine A mim?

Racine torce a boca.

Gonzago Jean, você tem que dar um jeito nessa careta.

Racine (*saindo*) Não é uma careta.

Gonzago (*saindo também*) Não é não?

Racine (*torcendo a boca*) É um tique. Uma doença inglesa.

Num salão do arcebispado

Racine (*entrando*) O médico disse que tenho que puxar o dedo para enganar o tique e que não posso ficar angustiado. Mas eu não fico angustiado, doutor. Corneille, na minha idade, já tinha conquistado Paris com *O Cid*; e eu ainda não consegui pôr no palco uma única peça produzida pela minha pena. Eu disse para o médico: “Doutor não estou angustiado, estou profundamente desesperado”. “Mas não tem porque ficar assim”, ele disse. Depois, tomou minhas últimas moedas de ouro. Merda!

Gonzago É verdade, o mundo é uma merda. Amém!

Racine Não, merda, merda, literalmente merda! Tenho pisado na merda. Quem anda por aqui? Cavalos?

Racine vai saindo.

Gonzago Jean, você promete não fazer jogo de palavras com o Arcebispo?

Racine (*do lado de fora*) Merda.

Outro salão. Ainda no arcebispado

Música sacra. Entra o Arcebispo seguido de Racine e Gonzago.

Arcebispo Flandres. O problema da França é Flandres.

Racine Flandres.

Arcebispo Flandres.

Caminham três passos em silêncio.

Racine É uma metáfora, padre?

Arcebispo Flandres é um território do império espanhol vizinho ao Mar do Norte.

Racine reprime uma careta puxando-se um dedo.

Racine Certamente.

Arcebispo Um território com um litoral por onde a França tem sido e ainda pode ser invadida pelos seus inimigos. Flandres pertence ao nosso rei Luiz por linha direta da sua mãe; para conquistá-lo, a França dispõe hoje de um numeroso exército pronto a combater. Além do que, partindo de Flandres, a conquista da Holanda seria muito mais simples. E a Holanda, como todo mundo sabe, é a atalaia perfeita para controlar a Europa.

Dão um passo em silêncio.

Arcebispo Você deve estar se perguntando, o que detém nosso rei?

Racine Isso, o que detém nosso rei?

Arcebispo Coisas sem importância. As adoráveis damas da corte. As festas de Paris, cada dia mais suntuosas. A fábrica de louças que será inaugurada este mês pelo Rei. A granja produtora de *foie gras*. O inusitado florescimento das artes, os novos passos de dança...

Gonzago O balé.

Arcebispo A nova forma de cantar.

Gonzago A opereta.

Arcebispo Ou as novas formas de fazer o público rir, as comédias de Molière.

Dão dois passos em silêncio.

Racine Imbecilidade tamanha.

Gonzago puxa o braço de Racine e lembra-o que prometeu não fazer jogo de palavras. Saem.

Na sala do Arcebispo

Uma escrivaninha, uma cadeira e um pequeno tapete persa, o Arcebispo entra pisando nele.

Arcebispo Justamente, uma imbecilidade tamanha. (*aproximando-se da escrivãzinha*) A França se diverte em demasia, *monsieur*, o Rei fornicava em demasia, experimentando posições inéditas e variações orientais; come em demasia e se excita em demasia, ingerindo cada vez mais substâncias tóxicas. Veja por exemplo o... Gonzago!

Racine Vinho branco com ar. O champanhe.

Arcebispo Não. Esse troço muçulmano, Gonzago.

Gonzago O tabaco.

Arcebispo Muçulmano e afrodisíaco. Que transformou a condessa Recamier em prostituta.

Gonzago O café.

Arcebispo O café.

Escuta-se música sacra, todos fazem o sinal da cruz, o Arcebispo senta-se em sua escrivãzinha.

Arcebispo Ninguém, ninguém, *Monsieur*, quer se dar ao trabalho de fazer algo tão árduo e incômodo como construir um império. Pode repetir, imbecilidade...

Racine Imbecilidade tamanha.

Arcebispo Por isso, a nossa aposta contra Molière é fundamental. O senhor está entendendo?

Racine Eu... não, não completamente.

Arcebispo O rei assiste às comédias de Molière por algo que vai além do riso. Ele colhe palavras, frases. Procura uma filosofia que explique, que lhe permita entender o espírito novo que paira no reino.

Racine Que é?

Arcebispo O espírito da frivolidade. Jean Racine, se ganharmos a nossa aposta contra Molière, o rei nos dará muito mais do que trinta mil libras. Nos dará sua atenção. Se conseguirmos desviar sua atenção dos prazeres mundanos em direção ao céu e então mostrar-lhe que existe outro destino para a França, um destino que enobrece o sacrifício e a disciplina do reino... Bom, neste caso, a França governaria o mundo inteiro.

Racine Seria algo incrível.

Gonzago É por isso que monsenhor Péréfixe o convocou. (*a um gesto do Arcebispo, Gonzago tira uma carta da manga*) É uma carta escrita pela enteada de Molière.

Arcebispo Enteada e esposa. Já que ele a tornou uma mulher honesta quatro meses atrás.

Gonzago “Meu amado, mais do que amado, precioso... Na tarde passada, quando você introduziu sua lança pela minha garganta, saíram borboletas da minha boca.”

Os três entreolham-se, constrangidos. O Arcebispo bebe um gole de água.

Gonzago “Espero ardentemente por você, como toda segunda-feira às cinco da tarde. Armande.” (*fechando a carta*) Não está endeusada a Molière.

Monsenhor olha lentamente para Racine.

Arcebispo O seu irmão me disse que você pretende iniciar Molière nos mistérios da tragédia.

Numa indicação do Arcebispo, Gonzago passa a carta para Racine.

Arcebispo Pode iniciar.

Racine fica piscando por causa da terrível ordem. Depois, pega a carta.

II

Jardim na casa de Molière

Racine e Molière, este com um galho na mão, olham para o chão com muita atenção.

Molière É uma depois da outra, depois da outra.
Formicas exsectoides.

Racine O senhor deve estar sentindo-se o próprio Rei contemplando a magnitude do seu reino.

Molière Muito mais do que disso. Um Deus. Um Deus onisciente. (*ri suavemente*) O rei também mora no formigueiro. Bom, no caso das

formigas, é a rainha. Mora a três metros de profundidade, no centro da cidade subterrânea, cercada pelas formigas preguiçosas, as parasitas de luxo segundo o botânico Plínio, vale dizer, a aristocracia. (*apontando com o galho*) E olhe, lá vou eu entre as trabalhadoras. Carregando minha pesada folha de cada dia.

Racine reprime a careta puxando o indicador.

Racine Quanta modéstia.

A cozinheira Renée chega com uma bandeja e duas taças cheias de um líquido escuro.

Racine Então o senhor se vê dentro e fora do formigueiro.

Molière Sou aquele que está dentro e também aquele que observa. De outro jeito seria insuportável viver completamente imerso no formigueiro da vida.

Racine É verdade, me disseram que os últimos tempos tem sido terríveis para o senhor. (*para Renée, que entrega a taça*) Obrigado.

Racine bebe de sua taça e Molière pega a sua.

Molière Minha esposa perdeu a criança com três meses, justamente alguns dias depois de o senhor e eu nos conhecermos e...

Racine Ai! O que é isto?

Molière Café. Você vai gostando aos poucos.

Racine olha sua taça com desconfiança.

Molière Obrigado, Renée. (*Renée vai embora*) Olhe, lá vai Jean Racine equilibrando a palha como se fosse um obelisco, melhor como se fosse sua segunda tragédia. Uma carga formidável, Racine. Haja ambição, ânimo e vigor! Haa!

Racine começa a fazer careta, puxa o indicador e mexe a cabeça.

Molière O que foi isso?

Racine Nada.

Molière o imita brincando, faz uma careta, puxa o indicador e sacode a cabeça. Percebe que Racine ficou amargurado.

Molière Pare de sofrer. Estou apenas brincando.

Racine Mestre, acontece que é minha terceira tragédia. O senhor já conhece a minha segunda tragédia, agora quero que conheça a terceira.

Molière Vou ser franco Racine, tenho medo de ler. Cada vez que você me entrega uma tragédia, a tragédia toma conta de minha casa.

Racine Perdão, mas eu nunca...

Molière Foi outra brincadeira, Racine. Você é um cara muito esquisito, não se permite rir.

Racine dá um sorriso amarelo. Muda quando escuta o bater dos sinos de uma igreja ao longe. Racine fica nervoso e consulta o seu relógio de bolso.

Racine (*num tom carregado*) Cinco horas.

Molière É, são cinco horas. Eu estava dizendo...

Racine (*épico*) Monsieur Molière!

Molière Sim?

Racine Estão lhe pondo cornos.

Molière demora um pouco para tomar consciência do que escutou. Racine permanece absorto esperando a resposta.

Molière (*baixo*) Não!

Racine Sim! Infelizmente!

Molière Nãoo!

Racine Neste mesmo instante, *monsieur!* Exatamente às cinco da tarde!

Pausa.

Molière O que é isso, sua terceira tragédia?

Racine Tudo bem, mestre. (*começa a afastar-se caminhando de costas*) Se o senhor prefere assim. Mas, tem que assumir, está sendo traído.

Molière (*ofegante*) Jean, você tem provas?

Blackout. Rapidamente, desenha-se um corredor de luz na escuridão.

Corredor no Chateau Rosé

Racine e Molière caminham seguidos pelo estalajadeiro que vai iluminando o caminho com um candelabro. Molière está com a camisa desarrumada e leva um manto negro, seu aspecto é descomposto e febril, é vítima da doença do medo. O diálogo é rápido e sussurrado.

Racine O senhor vai à frente.

Molière Não posso. O coração... O coração está explodindo. Estou suando, tenho febre. (*tosse nervosa*) Estou muito doente. O ar... (*volta a tossir*) Está me faltando o ar.

Racine Seja discreto. O estalajadeiro conhece o senhor.

Molière É mentira. Eu não o conheço. Nunca o vi.

Racine O senhor é famoso, *monsieur* Molière, todo mundo o conhece.

Molière fica assustado; perto da porta, Racine segura-o pelo ombro.

Racine Pague o homem.

Molière olha apavorado, não consegue entender.

Racine Dê uma gorjeta.

Racine pega a algibeira do cinto de Molière e paga. O estalajadeiro, por sua vez, entrega a chave e o candelabro.

Molière Jean.

Racine (*para o estalajadeiro*) Pode ir embora.

Molière Jean.

Racine Aqui está seu dinheiro, pegue.

Molière Não. Compre uma casaca decente, sem rasgões.

Racine Obrigado. (*abrindo a porta*)

Molière Percebeu, Jean? Meu primeiro nome é Jean e o seu também é Jean.

Racine É uma coincidência incrível. Pode entrar.

Molière Jean, nunca esquecerei esta prova de amizade. Jean, você tem que ser meu secretário.

Racine (*embasbacado*) Seu...?!

Molière Sim, meu secretário. (*dá meia volta e foge agressivo*) Agora vamos embora, temos muito trabalho a fazer.

Racine, porém, o alcança em duas passadas, pega-o pelos ombros e o empurra em direção à porta aberta.

Racine Não faça isso, entre mesmo assim. Vamos, entre. (*empurrando-o*) Em todo caso é o mais correto e corajoso a fazer.

No interior do armário no Château Rosé

Diversas roupas estão penduradas numa barra de ferro. Molière e Racine sentam atrás das roupas.

Molière (*continua sussurrando*) Tudo bem, eu entro, eu entro. Entro e sento, pronto. Estou me sentindo muito mal. Tenho febre. Jean, você acredita que Cristo morreu para nos salvar? Jean, venha filosofar um pouco comigo.

Racine, afastando as roupas.

Racine Molière, eles abriram um buraco para olharmos. Vou retirar o tampo.

Molière Espera aí, Racine. O ciúme, o ciúme é algo bem natural. Imagine que você está prestes a tomar sua sopa e eis que chega um faminto e passa na sua frente, você vai ficar irritado e aborrecido.

Racine Certo!

Molière A mulher é a sopa do homem, se outro indivíduo toma a nossa sopa, a gente fica muito bravo. Você não acha?

Racine Acho repugnante. Moralmente repugnante.

Molière Mas, é engraçado ou muito nojento?

Racine Mestre, tenha coragem de olhar a dor nos olhos. Se alguma coisa eu posso ensinar ao senhor, é isso.

Molière olha fixo nos olhos de Racine. Racine vira-se para retirar o pedaço de gesso que cobria

o buraco da parede. À medida que Molière aproxima o olho do buraco, o aposento contíguo vai iluminando-se e surge uma penumbra iluminada por velas.

Armário e quarto no Château Rosé

Armande está nua na cama fazendo amor com um amante que não conseguimos identificar.

Armande vira-se soluçando, agora podemos ver o rosto do amante, mas é apenas por um instante porque quando Molière retira o olho do buraco, o aposento escurece.

Molière (depois de uma pausa) Faz dez anos, não, doze anos, eu recolhi uma criança órfã. Eduquei, dei teto e comida. Eu fiz dele o melhor galã cômico da França. (chorando) Barão é o nome dele.

Racine puxa uma pistola de sua casaca e deposita na mão de Molière.

Racine Quanta ingratidão. (breve pausa, Molière fica assustado ao sentir a frieza da arma.) O senhor tem que se lembrar que a porta foi preparada; primeiro tem que puxar uma corda que sai pela fechadura, depois tem que destravar o ferrolho e abrir rápido. Molière, o senhor está entendendo? Molière, está entendendo?

Molière não responde, só pede silêncio levando o indicador aos lábios. Depois, dirige o indicador para o alto e fica olhando o teto durante cinco segundos. Durante esse tempo, Racine pergunta-se o que Molière está fazendo, enquanto o comediante escuta o silêncio.

Molière levanta-se e sai.

Ruído seco do ferrolho sendo destravado, o aposento volta a iluminar-se, Armande e Barão ficam assustados.

Armande Você ouviu?

Silêncio.

Barão Não.

Racine suspira satisfeito enquanto olha pelo buraco.

Barão penetra Armande com maior ímpeto, os gemidos crescem enquanto vemos a silhueta de Molière deslizar pelo aposento, rodear a cama, passar ao lado de um espelho e apontar a arma.

Os gemidos dos amantes vão aumentando.

Molière ficou pasmo, olha fixamente para o espelho e redireciona a arma para o espelho. Depois leva a arma a sua cabeça.

Blackout rápido. Escuta-se o som de um timbale forte e grave seguido de percussões suaves que vão diluindo-se.

Sala na casa de Molière

Molière está sentado em uma cadeira, ainda tem a pistola na mão.

Madeleine está fumando um cachimbo de vinte centímetros de comprimento, sentada numa mesa, observando Molière. É uma sala de burgueses bem de vida.

Molière Estavam tão lindos. Lindos de doer. Ele tinha umas coxas deste tamanho. (mostra com as mãos, são o dobro do tamanho das coxas de Molière) O peito como... O de uma estátua grega. Aí eu me deparei com o espelho, me olhei e pensei, meu Deus como sou feio. Alguém tem coragem de destruir tanta beleza? Podemos pedir à primavera que se entregue ao outono?

Molière procura a resposta no olhar de Madeleine.

Madeleine O senhor já começou a escrever a comédia da próxima temporada?

Molière (ofegante) É este o seu conselho?

Madeleine Não dá para sentir compaixão por um homem que esotraalha o coração da sua mulher casando-se com a filha dela e depois, quando a filha faz o mesmo com ele, tendo um amante mais jovem, ele ainda se queixa.

Molière (*ofegante*) Da desgraça de ser feio.

Madeleine Reza o ditado popular: nasceu feio? Vá cantar!

Molière (*tossindo, furioso*) Eu não sei cantar.

Madeleine (*jogando um frasquinho que Molière pega*) As gotas para sua asma. Aqui estão as contas da temporada. (*caminhando para a saída da sala*) Todas as entradas e saídas, para você revisar se quiser. Eu preciso logo da nova peça para fazer o orçamento.

Molière Devia ter me dado um tiro. Ainda posso fazer isso. (*tosse*)

Escuta-se o bater de uma porta ao longe. Molière fica sobressaltado.

Madeleine (*indo embora*) Bonsoir, chéri.

Molière pula tentando esconder a pistola. Mas, onde escondê-la? Coloca na cintura da calça, debaixo da camisa desarrumada e faz uma pose trágica. A mão direita sobre o peito arfante. Armande entra radiante, como quem acaba de fazer amor.

Molière Como foi sua tarde?

Armande Uma delícia.

Molière Uma delícia!

Armande A cidade fica bonita no outono. (*beija-o no rosto*)

Molière Certo. O outono tem seus encantos.

Armande arruma um seio no decote, coquete. Ao ver o seio, Molière explode de raiva.

Molière Senhora, não minta para mim, não mereço.

Armande É que é... Bom, eu... A...

Molière Está falando aramaico?

Armande Não...

Molière A mentira, minha senhora, é a raiz de to-

dos os pecados, inclusive do assassinato. (*pu-xando a pistola*) Sabia disso?

Armande fica muda olhando fixamente a pistola.

Molière Falou Aristóteles.

Armande (*tocando-se o peito violentamente agitado*) Como o senhor é culto.

Molière Pare de mexer nos seios! Estou lhe dando uma aula de ética. Bom, encurtando, existe alguma verdade para ser dita hoje?

Armande Preciso de uma cadeira.

Molière empurra violentamente uma cadeira, quase a joga em cima dela. Armande senta-se.

Molière Sim?

Armande Vou abandonar o senhor por causa do homem por quem estou... Perdidamente apaixonada.

Molière não se mexe, não demonstra qualquer emoção. Parece como se, de repente, tivesse perdido todo o sangue do corpo. Armande, pelo contrário, implora.

Armande Perdoe-me. Não quero fazê-lo sofrer. (*uma lágrima corre pelo seu rosto*) O senhor tem sido como um pai para mim. Mas, o que posso fazer se eu o amo? Amo. Amo. Amo.

Molière tosse sem parar, está ofegante, próximo de uma crise de asma.

Armande O senhor está bem?

Molière (*quase sem voz*) Pode ficar sossegada, vou arrumar tudo. Como sempre, a felicidade da senhora é a única coisa que importa. (*tosse. Fica furioso ao ouvir a risada de Armande*) Está rindo do quê?

Armande (*com um riso suave*) Obrigado, papai. (*beija-o*) O senhor é o homem mais sábio que existe.

Molière Não me chame de papai. Suba já para seu quarto.

Armande, agora obedece como uma boa filha, encaminhando-se para a saída.

Molière Suba para seu quarto, peça perdão a Deus e durma. Nunca mais voltará a ver o idiota do seu amigo.

Armande estanca, pasma.

Armande Mas...

Molière Mas, nada! Sobe!

Armande Amo ele, papai!

Molière Chega de me chamar de papai!

Acende-se uma luz que revela os atores da companhia, vemos também Renée e Racine que acompanham a ação com um texto na mão; sentados e aflitos, ambos assistem à cena.

Molière Sobe!

Armande Amo ele!

Molière lhe dá uma bofetada.

Molière É muito fácil, não ame mais. Agora, obedeça!

Armande: Amo ele! Amo ele! Amo ele! Que fala mais idiota, amo ele, amo ele, amo ele.

Molière Estamos reproduzindo uma certa conversa idiota que houve entre a senhora e eu.

Armande Qual é a vantagem de ser escritor se não pode melhorar a fala?

Molière estala os dedos pedindo o texto.

Molière Qual é a fala Racine? *(para Armande)* Disciplina.

Racine *(procurando no roteiro, com parcimônia)* Madame Molière fala... *(continua procurando)*

Molière aproxima-se da companhia de atores expondo seu caso para eles.

Molière Isso é o cúmulo! Apesar de tudo, você ganhou seu primeiro personagem protagonista; deixo você morar com seu amante na minha casa, ainda assim, a senhorita não gosta do meu texto.

Armande Falar dez vezes, amo ele...

Molière Não existe melhor arguição, é imbatível. Ou não? *(puxando Barão pelo colarinho da camisa)* Ela o ama, a este... Este asno.

Barão Asno!

Molière Lully, ele não é um asno?

Lully Um asno tão grande que todo mundo tira um pedaço.

Racine Silêncio! Para suas posições! Madame Molière fala ...

Imediatamente Armande e Molière voltam para suas marcações.

Molière Muito bem, Racine.

Racine Silêncio! Madame Molière fala: amo ele.

Armande Amo ele!

Molière Muito bem, obedeça e vá para seu quarto.

Armande Pode até me matar, minhas últimas palavras serão, amo e... Puta merda!

Armande começa a andar em direção à outra saída.

Armande Merda!

Molière, furioso, pega uma cadeira para jogar nela.

Molière Eu disse para ir para seu quarto, não para o jardim, criança teimosa.

Armande Seu velho gagá.

Molière Malcriada.

Armande *(enquanto vai saindo, fala a pior das ofensas)* Papai!

Molière joga a cadeira que se espantifica. Silêncio, ninguém sabe o que fazer.

Madeleine O que vamos fazer, então? Orçar uma cadeira por espetáculo? *(breve pausa)* Cada cadeira custa dez libras. Fui clara?

Barão O senhor podia espantificar-se, mas não a cadeira.

Molière *(ríspido)* Fora!

Madeleine Dez libras são...

Molière Fora todo mundo!

Lully Mestre, esses não são modos...

Molière Fooooraaa!!!

Todos fogem, menos Racine e Renée, que Molière chamou pelos seus nomes, bem como Madame du Parc, que ficou parada no seu lugar abanando-se com seu leque. Molière caminha, rodeado pelos seus assistentes.

Molière (neutro e sereno como um estadista) Será que a asma funciona?

Renée Fica lindo.

Molière E a tosse?

Renée Está tossindo demais, patrão.

Racine Seria melhor só jogar a cadeira.

Molière detém-se, interessado.

Molière Você acha mesmo?

Racine Certamente. E deveria aumentar a potência dramática da ação, empregando uma frase memorável como... O senhor permite que eu?

Racine pega uma cadeira e demonstra.

Racine O cornudo irado, quer dizer o senhor, ergue a cadeira e grita: "Vai para seu quarto!" Então, fica extasiado com a luz do sol e fala: "Oh sol, teu brilho escarnece da minha escuridão!" E depois joga a cadeira. (*Racine deposita a cadeira no chão, satisfeito*)

Madame du Parc aplaude, mas para diante do olhar sofrido de Molière. Silêncio. Molière escolhe as palavras para falar com seu jovem secretário.

Molière Jean, por favor... Vai procurar um pouco de vinho. Leva para a gente lá no estúdio. (*pega Renée pelo braço e retoma a caminhada*) Então, você acha que estou tossindo demais?

Racine é tomado pelo seu tique que, como pudemos constatar agora, ficou complicado e apresenta uma sequência de três tempos: careta inicial,

puxão do indicador e tremor de cabeça, sendo tudo muito rápido e breve. Enquanto Racine olha Molière e a cozinheira se afastarem conversando, aproxima-se dele Madame du Parc.

Renée Acredite, a asma é comovente.

Molière Fica registrado. A asma.

Madame du Parc (*para Racine*) Vamos, eu o acompanho até a cave.

Renée Sobre esse negócio do sol: oh sol, blá, blá, blá. O sol não fica na sala, o sol fica no céu.

Molière (*saindo*) É verdade. Nunca vi Racine desse jeito. Armande está ótima, você não acha?

Racine Fico com vergonha de a senhora ver o pranto dos meus olhos.

Madame du Parc pega Racine pelo braço e o conduz até a saída. Enquanto saem, ela acaricia suas costas consolando-o.

Racine Minha senhora, existe algo mais cruel do que não ter talento? Existe. É ter talento no lugar errado. Entendo que minha exaltação épica pareça sofrida e inadequada no meio de comediantes. Mas, acredito piamente que eu conheço muito mais de teoria dramática do que uma cozinheira. Dou de presente um magnífico final de cena para ele que é um poeta de frases hesitantes, que não conseguem alçar voo. E ele me... me... Minha senhora, o que está fazendo a sua mão no meu traseiro?

Madame du Parc Estou possuída pela fúria do amor. A frase é sua, Jean Racine.

Racine apaixonou-se com a inesperada homenagem. Beija-a com fúria.

Aposento da Rainha no palácio

A Rainha Mãe é uma mulher pequena com aparência espanhola, tem 64 anos e o olhar perdido. Está sentada, estática. A seu lado, há uma pequena mesa com petiscos.

Escutam-se sons de primavera ao longe, o cantar dos grilos e, às vezes, o gorjeio de pássaros.

A iluminação aumenta. O Rei está sentado observando sua mãe. Também estão presentes, um pouco afastados: o Arcebispo, La Fontaine, o Primeiro Médico e Gonzago. Um guarda palaciano cuida da porta.

Rei Mãe... Não está me reconhecendo?

A Rainha não reage.

Rei Como pode acontecer isso? Ontem foi dar um cochilo e acordou sem memória?

Arcebispo Não quisemos incomodar o Rei, mas hoje voltou a acordar assim.

Rainha *(com sotaque espanhol)* Fifi?

Rei *(esperançoso)* Não sou Fifi. Sou Luiz.

A Rainha Mãe escolhe entre os pratos um pedaço de frango, separa dois nacos e oferece um ao Rei.

Rainha Fifi. Fifi. *(assoviando)* Cadelinha?

Rei *(contido, como se tivesse sido apunhalado)* Meu Deus!

Rainha *(assoviando)* Fifi.

Rei Quantas sangrias fizeram nela?

Primeiro médico Desde que isso aconteceu? Só duas, Alteza. E três purgativos.

Rei E toda essa tortura tem servido para alguma coisa, senhor Primeiro Médico?

Primeiro médico Tudo tem sido completamente inútil, Majestade. Nem sequer conseguimos dar um nome para esta...

Arcebispo Só resta rezar, Majestade. Talvez oferecer a Deus uma ação heróica que...

Rei *(com crescente irritação)* Sim, já sei o que o senhor vai dizer... A conquista de Flandres... Hoje também vai falar nisso, Monsenhor? Senhor Primeiro Médico, é evidente que o senhor não tem a mínima ideia de como salvar a Rainha Mãe. Sendo assim...

A ação fica congelada.

Arcebispo *(para o público)* Estava lá nos seus olhos. Finalmente surgiu a chama de uma vontade inabalável. Quando falou, nem sequer olhou para o Médico.

Rei À Bastilha!

O Médico, como atingido por um golpe, retrocede três passos e cai de joelhos. O guarda aproxima-se dele. O Rei deixa o aposento seguido por todos os presentes. Enquanto vai saindo, o Arcebispo fala com o público.

Arcebispo Nunca ninguém tinha visto uma alteração tão brusca e repentina do seu temperamento, parecia uma inesperada onda de orgulho e ímpeto. De repente, nosso jovial, charmoso e eternamente sorridente Rei Luiz, evidenciava o vigor, a firmeza e o brilho de um guerreiro de aço.

Outro salão no palácio

O Rei atravessa o salão apressado e sai em direção a um salão contíguo. O séquito que o acompanha estanca frente à porta. Bate um sino, uma, duas vezes. Entra uma Dama com Cara de Anjo; ela atravessa o salão diante do olhar encantado dos cortesãos, incluindo o Arcebispo. O séquito abre alas para permitir a passagem da Dama em direção à saída do Rei.

Arcebispo Gonzago, espie o que está fazendo o Rei.

Enquanto isso, Racine entra sem ser notado e Gonzago tenta avistar o que acontece no salão contíguo.

Gonzago *(depois de virar-se)* O Rei está fornicando.

Arcebispo *(para o público)* Isso não surpreende ninguém. É um costume muito francês.

Gonzago Com Madame...

Todos *(levando o indicador aos lábios)* Shhhhhhhh.

O Arcebispo continua falando enquanto dois padres trazem duas cadeiras. A ação continua sem

interrupção e as falas agora são ditas numa pequena sala do Arcebispado.

Pequena sala do arcebispado

Arcebispo Digo mais, é o remédio francês para as grandes paixões. Enfiar rápido entre as pernas de outra pessoa e derramar. (*transição*) Contudo, Jean, o episódio serve para ilustrar a nossa missão. O Rei tem uma ferida aberta por onde devemos entrar antes que ela se feche. Antes que sua mãe melhore ou morra. O Rei só dá ouvidos ao que falam nos teatros? Então, falaremos com ele através do teatro.

Gonzago entra do fundo com uma bandeja de prata.

Racine Ah? Quer dizer... Não estou entendendo direito.

Arcebispo Porque ainda não acabei de explicar. Antes, porém, seu relatório.

Racine Foi uma tragédia tal como o tinha previsto. Aborrecimentos em excesso explodiram a bolha aérea da comédia. Devo confessar que foi uma tragédia sublime.

Arcebispo Maravilha!

Gonzago coloca um copo de água na mesa do Arcebispo e entrega um livro para Racine.

Arcebispo Lê latim, certamente. É Tácito.

Racine (*lendo o título*) A vida de Nero.

Arcebispo Nero descobriu a dor na juventude, tentou fugir dela caindo na frivolidade, mas, na sua fuga, arruinou o Império Romano.

Racine Monsenhor quer dizer...?

Arcebispo Quer dizer que o que está acontecendo é obra da providência. Molière vai estreitar uma tragédia. Logo, ganhamos a aposta. Então, procuraremos a oportunidade para que o senhor apresente ao Rei, a este Rei ferido pela demência materna, as figuras de Nero e Agripa.

Racine Nero e Agripa?

Arcebispo Isso mesmo. O nosso Soberano é demasiado importante para aceitar opiniões alheias. Assim sendo, o senhor apenas mostrará a vida de dois Reis perante uma mesma situação, a morte de um ser queridíssimo. O Rei Nero foge da dor e chafurda no prazer aviltando o Império. O outro, o Rei Agripa, cresce no sacrifício e na guerra. “Ergo”, nosso jovem Rei Luiz falará três dias depois: Oh! Acabei de perceber que classe de Rei eu quero ser. E o senhor Jean Racine substituirá Molière nos favores do Rei. (*o Arcebispo bebe água.*) Quer dizer, se o senhor souber aproveitar a oportunidade.

Fecha-se a cortina.

Na plateia

Música alegre de clavicórdio. No meio do público, surge um Marquês do século XVII. Sexagenário e risonho, ele chega cumprimentando e pisando, sem querer, os espectadores, rumo a sua cadeira na primeira fila.

Marquês *Excusez-moi! Excusez-moi! Ah, Giscard! Bonsoir, Giscard! Crépé, comment allez vous? Ups! Excusez-moi! Aaah, Majesté!* (*faz uma grande reverência em direção ao camarote do Rei*)

No camarote, o Rei Luiz, rodeado pelo Arcebispo e La Fontaine, cumprimenta, discreto. Por trás dele está Gonzago. A música aumenta e ouvimos uma canção grosseira e estridente. Abre-se a cortina e o Marquês aplaude e fala.

Marquês *Bravo! Beaucoup bravo!*

Palco do Palais Royale e camarote do rei

Madeleine é quem está cantando no palco. Às suas costas, Armande atravessa o palco sendo

perseguida por Molière. Este, por sua vez, é perseguido pelo Barão, que é perseguido por Madame du Parc.

O cenário reproduz uma sala na casa de Molière. Armande recebe de Molière uma bofetada no rosto. Risadas do público enquanto Barão tenta se enfiar entre ambos.

Armande Não. Pode deixar! Eu mereço apanhar.

Molière levanta a mão, mas desiste de bater e vira-se de costas. Está realmente alterado. Armande aproxima-se de Madeleine e de Madame du Parc, que esperam por ela para lhe dar alguns conselhos.

Molière *(para o público)* Seu olhar me desarma. Que coisa esquisita é o amor. É por causa destas traidoras que o homem fica sujeito a fragilidades enormes. Não existe nada mais frágil, mais perverso e mutável; nada mais infiel e, mesmo assim, a gente faz tudo por elas, por estas... Vacas!

Madeleine, Madame du Parc e Armande viram os rostos rindo como vacas.

Risos e alguns aplausos enquanto Molière dobra-se de dor. Armande volta até Molière, demonstrando certa compaixão e temor.

Marquês *(gritando no meio do barulho do público)*
Podem rir, idiotas, podem rir.

Armande repara por um instante no espectador inoportuno. Depois, retoma a cena.

Armande Escute, *monsieur*...

Molière Não, não, escute a senhora, está perdoada. Imagine o tamanho do meu amor pela senhora. Está perdoada, só peço que me retribua com seu amor. Que me ame.

Armande Mas, eu amo ... ele, papai.

Molière A senhora não tem coração. Saia da minha casa. Saia da minha casa!

De repente, o Marquês entra em cena puxando sua espada.

Marquês Isso mesmo! Saia da minha vida, sua cachorra.

Molière *(falando baixo)* Desculpe, mas quem é o senhor?

Marquês *(ameaçando Armande com a espada)* Não quero voltar a vê-la jamais.

Molière *(baixinho)* Saia do palco. Quem é o...?

Marquês Esta é minha vida, *monsieur*! Alegria geral.

Molière *(baixinho)* Desculpe, mas esta é a minha vida.

Marquês Isso aconteceu comigo e com aquela cachorra, ela deve ter contado para o senhor. *(dirigindo-se para os bastidores)* Teresa! Teresa du Parc!

Madame du Parc *(saindo por uma coxia)* Já chega, Marquês. Aquilo aconteceu faz vinte anos.

Marquês *(para o público)* Por causa dessa comediante larguei minha santa esposa e a minha família.

Madame du Parc *(para o público)* Eu tinha quatorze anos e era virgem. *(gargalhadas)* Ele me comprou do meu pai.

Marquês De repente, usando essas mesmas palavras cruéis, anunciou que amava outro.

Madame du Parc Ramon, eu tinha direito ao amor!

Molière Não querendo interromper, mas...

O Marquês arremete contra Molière. Madeleine grita para os maquinistas.

Madeleine Cortina!

Enquanto isso, Racine e Barão tentam expulsar o Marquês.

Renée *(gritando)* Cortina!

Fecha-se a cortina. Luz no camarote do Rei.

Rei Se a missa tivesse toda essa emoção, Mon-senhor! O senhor trouxe as trinta mil libras?

Arcebispo Faço a mesma pergunta, Alteza. O pú-

blico ri, porém Molière não fez outra coisa senão sofrer. Se olharmos com atenção, acabaremos por perceber que debaixo das risadas, Molière interpreta sua própria tragédia. E o povo, é lógico, simplesmente não percebe isso.

Rei (*aborrecido*) La Fontaine?

La Fontaine Bom, a verdade é que na comédia estão proibidos os sofrimentos intensos.

Rei Quem proibiu?

La Fontaine Aristóteles. E os guardiões da poética aristotélica, a nossa Academia de Artes.

Arcebispo O senhor pode olhar para vossa Academia de Artes. (*todos olham para o camarote oposto*)

Rei Por que estão tortos de raiva?

Arcebispo Porque o comediante fez uma tragédia sem lhes pedir permissão. Em todo caso, Majestade, a nossa aposta era pela alegria de Molière e não pela do seu público.

Rei La Fontaine?

La Fontaine É isso mesmo, Majestade, a aposta era pela alegria de Molière e não pela do seu público.

Rei (*zangado*) Pfff!

Abre-se a cortina.

Palco e bastidores do teatro Palais Royale

As coxias de pano foram descidas. No meio delas, num espaço em penumbra, estão Madeleine, René e Racine, que acompanham atentamente o roteiro da cena. Molière olha para o palco, desconsolado.

No palco, representando um bosque sob a clara luz do luar, Barão está diante de um padre.

Madeleine (*cochichando*) Foi gritando até a rua: é plágio, é plágio, o corno sou eu!

Madeleine e René riem cobrindo a boca.

Vestida de noiva, Armande aproxima-se de Molière. Este lhe beija a mão e a encaminha para o palco. Armande, seguida por Madame du Parc, ingressa no bosque fictício, juntando-se a Barão e ao padre.

Madeleine Silêncio! Agora o final feliz, que é obra e graça do autor.

Enquanto Barão fala, Molière repete baixo o texto que sabe de memória.

Barão e Molière O acaso realizou neste lugar o prodígio do amor. Venha abençoar o nosso desejo. Agradecemos aos céus porque, ao final, sempre prevalece o que é mais adequado.

Molière chora enquanto o padre abençoa os amantes.

Madeleine (*doce*) Que generosidade, fazer o casamento no palco.

Os amantes beijam-se na boca e Molière bate com o punho em sua cabeça.

Madeleine (*com extrema delicadeza*) Amanhã, o preço do ingresso será dobrado.

Racine dá um lenço para Molière.

Molière Jean, se o Rei riu dos meus infortúnios, talvez consiga aturar sua tragédia *Alexandre, o Grande*.

Racine fica confuso.

Molière Haverá uma pequena festa em palácio, o senhor poderá ler uma cena do seu belo Alexandre.

Madeleine (*para os maquinistas*) Cortina, devagar.

O palco começa a escurecer muito lentamente.

Racine Mestre, um ato.

Molière Tudo bem, meio ato.

Racine ajoelha-se emocionado e beija a mão do seu mestre. A luz aumenta no:

Palco, coxias e camarote do rei no Palais Royale

No palco, a companhia de Molière agradece os aplausos do público imaginário, os do Rei e de seu séquito.

Racine (para o público imaginário) Outono de 1668.

Os atores afastam-se para deixar passar Molière, que avança grave e magoado, até a beira do palco.

Racine (para o público atual) Molière avança sério, devagar, como se estivesse em transe, vai ao encontro da brisa do aplauso da multidão, enquanto nos camarotes do teatro a Real Academia de Artes em peso, o Arcebispo Péréfixe e o Rei olham agoniados para seu rosto suado e inexpressivo. (nos dois camarotes, surgem binóculos para ver melhor) Ainda não sabem se existe a felicidade para Molière. Durante o *Cornudo imaginário*, Molière sofreu, chorou e bateu; na plateia o populacho riu dos seus infortúnios. Porém, foi esta a intenção do artista ou o riso foi apenas consequência inesperada do seu fracasso? Lá, nos elevados camarotes, paira uma mesma pergunta com palavras diferentes. Quem ganhou a aposta sobre a alegria deste comediante magoado? Então, Molière, com gesto único e breve, define a aposta fazendo uma longa reverência, selando assim o seu próprio destino.

Molière faz uma grácil reverência.

Racine (acompanhando a ação) Ele joga seu chapéu para o ar e ri exultante pelo seu triunfo. O Rei pega o chapéu do seu comediante em pleno voo e o coloca em sua própria cabeça, estende a mão em direção ao Arcebispo de Paris, que nela coloca trinta moedas de ouro. No camarote oposto, o presidente da Academia declara: É uma comédia que não foge da dor, que transforma a dor! Mais uma inven-

ção que glorifica o reino de Luiz XIV. Então, nosso magnífico e sereníssimo Rei deixa-nos fascinados ao pronunciar cinco palavras que serão repetidas em todas as cortes da Europa, promovendo uma longa e bruxuleante constelação de admiração.

Rei Jean Baptiste Poquelin Molière, dançamos?

Blackout rápido.

Subitamente, a luz volta ao palco do Palais Royale

Molière movimenta-se dentro de um círculo de luz, dançando três compassos de uma música leve e sutil. Finalmente, Molière faz uma reverência e fala.

Molière *S'il vous plaît.*

Agora, surge outro círculo de luz sobre o Rei Luiz, que está reproduzindo os três passos marcados por Molière. O comediante observa atentamente o desempenho do Rei.

Rei (fazendo uma leve e apenas insinuada reverência) *S'il vous plaît.*

Na sequência, Molière marca outros três compassos, mais complicados, e o Rei os reproduz sem pestanejar. Terminando, eles sorriem e falam alternadamente um para o outro: S'il vous plaît.

Entra luz geral. Molière e o Rei aproximam-se dançando, juntam as palmas das suas mãos direitas e continuam dançando. Racine está entre os músicos. Deprimido, toca um crótalo com o indicador e o polegar.

O restante da companhia, La Fontaine e os nobres entram dançando pela coxia da esquerda.

Rei (indicando uma nova dança) La Ronde.

Começa a dança, a cada compasso os participantes vão trocando de dupla. Isso dura algum tempo. Depois, todos entrelaçam as mãos e, dançando, vão saindo. Por um momento, o palco fica vazio.

O anjo do monociclo atravessa o palco a toda velocidade. Blackout.

Intermédio III Jardim do palácio

Preparativos para a apresentação que está prestes a acontecer. Lully está afinando um violino, outro músico experimenta um timbale. Os atores da companhia arrumam as cadeiras para os convidados e atravessam o palco improvisado, uma plataforma de madeira e uma cortina, fazendo às vezes de ciclorama.

Molière, discutindo calorosamente com Racine, que veste uma túnica romana, contribui para aumentar a confusão.

Molière Nero? De que merda está falando? Quando escreveu esse Nero? Pensei que fossemos ler seu *Alexandre*, o grande.

Racine Mestre...

Molière O *Alexandre* que eu corrigi está primoroso, no ponto certo.

Racine Eu pensei que...

Molière Lully, toca mais baixo. Em que merda pensou?

Racine Não sei, pensei que Nero era mais apropriado que *Alexandre*.

Molière Ficou doido? É um rei vilão! Lully, ou o senhor afina ou a gente discute!

Armande, com figurino de Marte, chega atrasada e despreocupada.

Racine Madame Molière, essas são horas de chegar? Sempre faz isso, sempre.

Armande Devia ter se acostumado.

Barão Eles já saíram do palácio. Não vem ninguém da corte.

Racine (*desconsolado*) Por quê?

Armande O Rei tem vergonha de sua mãe.

Molière olha para os pés de Racine.

Molière O que é isso, meu Deus?

Racine calça sandálias douradas, adornadas com uma fita cor-de-rosa que se enrosca em seu calcanhar.

Racine Madame du Parc falou que, em Roma...

Molière ajoelha-se para retirar as fitas e guardá-las em seu casaco.

Molière Em Roma? Quem? As prostitutas de Roma. Racine, não fique nervoso.

Racine Não... Eu nunca fico.

Molière Não deixe que o nervosismo o perturbe. (*levanta-se*) Sobretudo, procure relaxar. (*acariciando o rosto de Racine*) Fique calmo. Esta é apenas a maior oportunidade da sua vida. (*beija-o em ambos os lados da face. Racine sacode a cabeça, está apavorado*)

Música suntuosa. No palco superior, aparece o Rei, conduzindo a pequena Rainha Mãe. Eles são acompanhados pelo Arcebispo, La Fontaine, Gonzago e Madeleine. Nota-se que a requintada arrumação da Rainha Mãe levou horas. Ela está com o rosto extremamente maquiado e tem os lábios pintados em forma de coração. Abana-se com um grande leque enquanto desce junto com o Rei.

Rainha Mãe (*elogiando o entorno*) Que agradável surpresa, Frederico. (*pisca um olho para o Rei*)

Atrás da cortina vermelha, onde se escondem todos os atores, inclusive Molière, escutam-se risos abafados.

Rei Sou eu, minha senhora, Luiz, seu filho primogênito. Sente-se.

A Rainha Mãe e o Rei sentam-se, depois deles senta-se o séquito.

Rainha Mãe (*para Madeleine, que está sentada atrás dela*) Muito engraçado, esse rapaz.

Os personagens de Nero-Agripa sobem ao tablado. Racine usa túnica romana e faz Nero. Barão é Narciso, veste-se de guerreiro romano, assim como Madame du Parc, que representa Burrhus. Lully apresta-se a dramatizar com sua música os momentos climáx da peça; no fundo, os demais atores da companhia farão o papel do coro.

Encenação de Nero para o Rei e a Rainha Mãe

O tom é patético, as sílabas alongadas e os gestos largos.

Nero O que um rei pode fazer contra o tempo? Acaso pode deter seu curso? Pode fazer uma flor exaurida voltar a ser louçã? Como arrancar dos braços da morte a minha querida, lívida e adoentada mãe, Agripina?

O Rei da França muda de posição em sua cadeira, não sabemos se está incomodado ou comovido. A Rainha Mãe fecha os olhos.

Nero (*levantando a voz*) Oh! Sempre estou fingindo que realizo algo. Enquanto comando a torto e a direito os assuntos de Estado, percebo, sem nada poder fazer, o ocaso de cada amanhecer e a tortura da velhice em cada jovem.

O Rei da França tira um lenço de sua manga, olhando de soslaio a Rainha que, ante a dor de Luiz, começa a roncar.

Nero Não, Burrhus, deixe que Britanicus, o bastardo, assumo o trono. Eu não tenho mais nenhuma vontade de reinar.

Som de timbales, os personagens mudam de posição.

Narciso Majestade, a vossa melancolia é fundamental. Os outros, os de menor sensibilidade, jamais a conhecerão.

Coro Abençoados sejam.

Narciso Os outros, os mais fracos sucumbem com sua opressão. Porém, Majestade, existe um único alívio para ela.

O Rei interessado inclina-se para frente da sua cadeira.

Narciso e o coro (*num suspiro sibilado*) O prazer.

Narciso Que o Rei encha Roma de diversões! Que todo dia haja circo, gladiadores, banquetes e danças. Que viva o Rei Nero! Que jorre o vinho e que sejamos felizes!

Som de timbales, os personagens mudam de lugar enquanto o público aplaude. A Rainha Mãe acorda animada.

Rainha Mãe (*indo embora*) Que lindo! Já acabou?

Burrhus e o coro Ainda não, alteza!

Madeleine senta a Rainha Mãe.

Burrhus Meu sangue congela nas minhas veias quando escuto o conselho de Narciso. Como é possível que o filho de César fuja como um covarde que pela primeira vez encara a morte? Não, Majestade, que tal confronto com a morte vos sejais auspicioso e que o compromisso com Roma oriente a vossa audácia.

Narciso Como vos atreveis a aconselhar ao Rei Nero que renuncie ao prazer em troca da canga das obrigações?

Burrhus Narciso, nunca duvideis que esta seja minha oferta. Sacrifício em troca do prazer. Fadiga em troca de jogos. Marte em troca da alegria.

Som de timbales. Surge a figura de Marte representada por Armande, destacando-se do cenário.

Burrhus O Deus da Guerra empunha na mão direita a coroa da glória.

Timbales. Os atores retomam suas posições, Burrhus fala diretamente a Luiz XIV.

Burrhus Que seja o Rei Nero quem com sua magnificência alargue o império e provoque o pavor de nossos inimigos. Ainda exijo mais, que derrote a morte!

Narciso A morte é invencível, Burrhus!

Burrhus e coro (*muito exaltados*) Não para o herói cujas façanhas o levam...

A Rainha Mãe, também muito exaltada, levanta-se de sua cadeira.

Burrhus e coro (*mais exaltados ainda*) A permanecer na memória da posteridade!

Rainha Mãe (*canta extasiada*)

Eu gosto do plim, pirim, plim, plim.

Da garrafa, o pam, param, pam, pam.

O público todo (*menos o Rei e o Arcebispo*)

Com o plim, pirim, plim, plim.

Com o pam, param, pam, pam.

Quem não bebe vinho

É um grande animal.

O Rei bate com seu bastão no chão. Silêncio geral, porém a Rainha Mãe continua a canção até o fim.

Rainha Mãe É um grande animal.

Rei Silêncio! (*todos obedecem e calam-se*) Levem a Rainha Mãe aos seus aposentos.

Madeleine apressa-se a levar a Rainha Mãe.

Rei (*para Molière*) Por que me olha assustado, Narciso?

Molière Narciso, eu? Não, Majestade. Estávamos nos preparando para ensaiar o balé com vossa alteza.

Rei Quando o Rei tem dançado balé?

Silêncio, ninguém responde.

O Arcebispo faz um gesto para Racine, que responde com outro gesto. O intercâmbio de gestos é discreto, porém mesmo atordoado, Molière repara.

La Fontaine Majestade.

Rei La Fontaine.

La Fontaine Majestade, certo dia uma gralha e um leão conversavam. A gralha disse para o leão...

Rei Não, La Fontaine, os pássaros não falam. Lully, qual é a música escolhida para o final? Lully?

Lully (*apavorado*) É ... É ... Uma suíte leve ou... Talvez seja melhor algo.

Arcebispo Heróico e solene.

Rei Voilà.

Começa uma música heróica e solene. O Rei e seu séquito saem. Molière espera pela saída do séquito, depois se aproxima de Racine.

Molière Quer dizer que seu *Alexandre* era uma encomenda do Arcebispo.

Racine (*saindo*) Não. Quer dizer, sim. Mas, a retórica é minha e a visão também. Entenda, sou um autor trágico, eu assumo toda a responsabilidade. (*sai. Molière segue Racine, ambos são seguidos por La Fontaine e todos os comediantes da companhia. Conseguimos escutar a briga entre eles*)

Molière O senhor é uma tragédia como escritor, isso é bem diferente.

A ação volta ao jardim do palácio. Três minutos depois

Racine (*entrando*) Mestre, por favor, escute...

Molière (*entrando seguido pelos seus atores*) Não! Escute o senhor! Exijo-lhe que revele um vício do Arcebispo para encená-lo no palco e assim poder completar minha vingança.

Racine O senhor não está entendendo.

Molière Rouba? Mente? Bebe?

Racine Isso é irrelevante.

Molière É tomado pela ira? Pela lascívia? Gosta de coroinhas?

Racine Irrelevante!

Madame du Parc Ele é lúbrico.

Madeleine Então, aquelas histórias são verdadeiras.

Molière Que histórias são essas?

Racine Molière, pelo amor de Deus, não seja idiota.

Molière Eu, um idiot...?

Racine Mestre! O Arcebispo é um personagem de menor importância neste conflito, o próprio Rei é apenas outra peça do tabuleiro. Toda a França não passa de pano de fundo daquele confronto antiquíssimo. Aqui se enfrentam novamente Aristófanes e Eurípides, sob o céu e perante a posteridade. O maior comediógrafo e o maior trágico do século V antes de Cristo. Duas formas totalmente antagônicas de pensar o mundo, meu senhor, duas maneiras de...

Molière Então é um velho lúbrico?

Madame du Parc Deixe-o terminar de falar.

La Fontaine Teríamos que ficar para morar aqui, minha senhora.

Racine Mestre, o senhor me ensinou muito, isso é verdade.

Molière (*saindo, falando com superioridade*) Não, Racine, eu lhe ensinei tudo. Tudo!

Racine (*com os olhos cheios de lágrimas*) Comprou o meu primeiro casaco decente.

Molière se solta de La Fontaine e avança sobre Racine.

Molière Aprendeu a montar peças com atores. A comportar-se direito na corte. A fazer amor com outras mulheres que não fossem prostitutas. Embora isso, é claro, nunca tenha aprendido. Quem era quando o conheci? Vestia um casaco esburacado herdado do pai suicida e como se não bastasse era dois números menor.

Racine Mestre, alguma coisa o senhor aprendeu com seu aluno.

Molière Sim, certa maldade.

Racine Quando o conheci, Mestre, o senhor era apenas um sujeito engraçadinho, um trapaceiro...

Molière (*furioso*) Rá! Rá!

Racine Eu explodi seu coração. Fiz o senhor enfrentar a seriedade da vida e dessa maneira aprofundei a sua arte.

Molière Rá! Rá! Rá! (*vai embora*)

Racine Mestre! Escute, Mestre!

Racine Ingrato! Traidor! Oportunista!

Racine estala os dedos, Molière e sua companhia congelam.

Racine (*num suspiro*) Ufa! (*para o público*) Sujeito impossível! Mas, enfim, sua Alteza Sereníssima encomendou que reconstituísse para a História os últimos anos de vida do comediante que alegrou sua juventude. Isso é o que tento fazer, evitando ao máximo meus próprios comentários. (*transição*) Verão de 1669, nos jardins do Palácio de Versailles. Corrigindo, num salão do Palácio.

Uma cortina se abre atrás dos personagens. Estamos no:

Salão do Palácio Real

Racine estala os dedos, Molière e sua companhia descongelam.

Madame du Parc Não dê ouvidos.

Molière Puxa-saco!

La Fontaine Cuidado! Escuto passos.

De repente, La Fontaine é o primeiro a fazer uma discreta reverência. Ouvem-se passos se aproximando. Todos o imitam, Racine faz uma profunda reverência, Molière, uma reverência engraçada e um enorme sorriso amarelo, enquanto a companhia toda cai de joelhos.

Entra o Rei, ainda aborrecido, depois o Arcebispo e Gonzago. Passa, sem reparar nos artistas ajoelhados. Para de repente.

Rei Racine.

Racine aproxima-se do Rei, este lhe diz algo que Molière consegue ouvir e o deixa petrificado. Racine volta a inclinar-se, profundamente emocionado. O Rei e seu séquito saem.

Molière Fiquem calmos. Acabou-se. Não somos mais a companhia do Rei. Racine...

Racine Mestre?

Molière Que lhe aproveite ser o novo favorito de sua Majestade.

Racine pondera a sua resposta. Decide ser simplesmente objetivo, nem amável nem grosseiro.

Racine Obrigado, Mestre.

Molière *(de repente, amabilíssimo como um cortesão habilidoso)* O senhor será o insuperável cavaleiro leitor de cabeceira da cama real.

Racine A responsabilidade é enorme.

Molière Não se preocupe. Com a leitura das suas tragédias, ele, pof, dormirá profundamente. *(a companhia ri)*

Racine Bom, Molière, guerra é guerra.

Racine tira seu sabre da bainha, Barão faz o mesmo e joga seu sabre para Molière. Racine posiciona o sabre à sua frente. Molière, sem experiência nestas lides, demora um pouco para posicionar o sabre.

Racine Faça o sinal da cruz, Molière, porque vai morrer.

Renée fica de joelhos, rezando.

Um carrossel de estocadas das quais Molière recua inábil. Subitamente, Racine retrocede quatro passos.

Armande Molière! *(Molière não se deixa distrair por ela)* Não se deixe matar! Eu o amo!

Barão Armande?

Armande *(aproximando-se de Molière)* Molière, enquanto conheço mais homens, mais amo o senhor.

Molière baixa o sabre para depois voltar a levantá-lo.

Barão Homens? Que homens são esses?

Madeleine dá uma bofetada no Barão.

Madeleine Agora não, Barão.

Armande pega a mão livre de Molière e o tira dali. Os demais a seguem.

Racine Molière, defenda sua honra! Molière volte para enfrentar o seu destino!

Molière *(antes de sair)* Jean Racine, tenha cuidado com a grandiloquência! Ou acabará derrotado por um suspiro!

Lully *(para seus músicos)* Música leve, *s'il vous plaît!* *(marca o compasso com seu bastão)*

Sala na casa de Madame Parnelle

Música leve enquanto Molière, com cara de moleque travesso, beija estrondosamente a mão de Madame Parnelle, uma senhora de uns quarenta anos, encantadoramente bela por fora e por dentro. Com a outra mão, ele limpa o lugar do beijo e ri alegremente. Ela gosta de Molière.

Madame Parnelle Não prometo nada. Ele é um homem muito tenso.

Molière Mas a senhora é irresistível, Madame Parnelle.

Madame Parnelle Nem posso pôr as carnes à mostra.

Molière Só preciso de uma prova. Apenas de uma pequena prova.

Bater de sinos. Madame Parnelle levanta a toalha de veludo que cobre a mesa e Molière se enfia dentro dela. O Arcebispo Péréfixe aparece no vão da porta.

Arcebispo *(tímido e desconcertado)* Madame, eu juro que... Não sei que demônio aconteceu comigo no outro dia. *(pausa curta. Ela sorri)* Desculpe, talvez seja melhor eu ir embora.

Madame Parnelle Não, Monsenhor, pelo contrário, entre. Justo agora que meu marido encontra-se longe, na embaixada da Turquia, a sua preciosa companhia é duplamente grata para mim. (*indicando um assento para ele*) Faça-me o favor.

Arcebispo Tão longe assim? Na Turquia? Mesmo assim... Quero dizer... Desta vez não vou cometer nenhuma indiscrição, nem farei nada que possa escandalizá-la ou me escandalizar. (*os dois sentam*) Tenho serenado meu espírito, hoje serei um anjo, madame. Hoje não falarei nada, me limitarei a admirá-la.

O Arcebispo junta as mãos e fica deliciado contemplando o perfil de Madame Parnelle. Ela muda de posição, sempre sorridente. Ele contempla sem piscar. Pausa. Molière enfia sua mão por debaixo da toalha e pega no calcanhar da mulher. Madame Parnelle, surpresa, estende sua mão para o Arcebispo.

Madame Parnelle Monsenhor!

O Arcebispo pega na mão dela e a acaricia fervorosamente.

Arcebispo Madame!

Madame Parnelle Não se preocupe, Monsenhor. Eu sei que aquilo que o senhor vier a fazer é apenas para proteger a pureza da minha alma.

Arcebispo Minha senhora, esse deveria ter sido sempre o meu dever.

Madame Parnelle (*reclamando com melindre*) Ai! O senhor está me apertando!

Arcebispo (*retira a mão, rápido*) Desculpe. Foi excesso de zelo.

Madame Parnelle (*olhando para a mão que inadvertidamente o Arcebispo tem colocado no seu joelho*) Monsenhor, o que está fazendo a sua mão aí?

Arcebispo Meu Deus! Desculpe, estava apreciando o tecido do seu vestido. (*retirando a mão*) Madame, sou um profundo admirador da

perfeição das obras criadas pelo céu. Está me entendendo?

Madame Parnelle Gostaria de apalpar meu xale, Eminência?

Arcebispo (*confuso*) Seu xa-xa... A senhora disse seu...

Madame Parnelle Meu xale.

Arcebispo (*esticando os dedos para pegar no xale*) É... Renda de... Bruxelas?

Madame Parnelle Não, de Veneza. Fios de seda pura.

Arcebispo (*depois de engolir saliva*) Pura!?

Madame Parnelle Estou usando para cobrir meu decote, como o senhor pediu o outro dia.

O Arcebispo se delicia acariciando a seda.

Madame Parnelle É seda molhada em tinta.

Arcebispo É um primor.

Madame Parnelle Combina com a renda da minha...

Madame Parnelle e o Arcebispo ficam se olhando excitados.

Madame Parnelle Vou procurar pela sua água. Esqueci de trazer aqui sua jarra de água.

Arcebispo Combina com a renda da sua quê? Diga para mim.

Madame Parnelle Com a renda das minhas meias.

Arcebispo Oh, Madame! Tenho que ir embora. A senhora devora os frutos do meu trabalho espiritual. Tenho chorado. Tenho praticado jejuns terríveis. Tenho me flagelado até jorrar sangue. Acreditei que tivesse conseguido arrancar pela raiz a tentação dos seus encantos, mas... (*seus dedos pegam o xale e devagar vão descobrindo o decote de Madame Parnelle*)

Madame Parnelle (*baixinho*) Seu San-tís-si-mo!

Arcebispo Seus seios são um abismo, Madame. O precipício perfeito para um belo suicídio. (*de repente, tomado por uma ira surda, mas sem deixar de olhar para os seios abismais*) "Se o corpo é a fonte do pecado, o que é o corpo de uma fêmea?"

Madame Parnelle O senhor está citando São João Crisóstomo?

Arcebispo “Sua beleza não é nada, apenas escarro, sangue, bílis, bolo alimentício, resíduos fecais, nojo e morte”. Desculpe, Elmira, tenho que fugir, a senhora é o demônio.

Madame Parnelle Sim, foge, Monsenhor, foge.

Mas, o Arcebispo faz o contrário, apaixonado pega nos seios de Madame Parnelle. Ela pula e retrocede assustada, enquanto bate na mesa com as mãos. O Arcebispo avança à sua procura.

Arcebispo Elmira! Elmira!

Madame Parnelle Não, fuja, fuja.

Arcebispo Salve-me, Elmira! Salve-me! Ofereço-lhe amores secretos, distantes do diz que diz, junto a prazeres ardentes e destemidos.

Madame Parnelle Pelo amor de Deus, Monsenhor! (*retrocedendo em direção à saída*) Como faremos para que Deus não fique sabendo?

Arcebispo Posso falar com ele, minha senhora. (*saindo detrás dela*) Empregando a ciência teológica podemos conseguir licença dos céus para alargar os laços da consciência por meio da justificativa da intenção pura.

Madeleine (*entra com o figurino de Madame Parnelle*) Mas, isso seria adultério, fornicção e...

Entra Barão caracterizado de Arcebispo, são descidas as coxias de pano. Agora, estamos no palco do Palais Royale. La Fontaine numa coxia e Renée na outra.

Barão Madameeee!

Madeleine O senhor fez voto de castidade!

Molière sai de debaixo da mesa.

Molière Tartufo!

Barão Orgonte!

Renée (*para os maquinistas*) Cortina!

Penumbra no espaço da suposta casa de Madame Parnelle. Escutam-se aplausos ao longe.

Madeleine (*para Barão*) Para que tantas beijocas? É apenas teatro, *monsieur*.

Molière (*para La Fontaine*) Foram dezesseis vezes! Ontem à noite, na estreia, voltamos dezesseis vezes para receber os aplausos. Percebe? É minha obra-prima. Porém, o mais agradável é voltarmos para receber os aplausos...

La Fontaine Foram dezesseis vezes, o senhor já disse.

Molière É que em um teatro próximo, um tal Racine estreava sua *Fedra* entre bocejos do público.

Renée (*para os maquinistas*) Cortina a postos.

Molière se junta aos outros atores que se prepararam para receber os aplausos, continua falando à distância com La Fontaine.

Molière É verdade que Racine ameaçou Boileau de morte porque ele bocejou no meio do espetáculo?

La Fontaine Desafiou para um duelo. (*para Armande, que se aproxima dele grávida de sete meses*) Madame.

Renée (*para os maquinistas*) Cortina!

Aumentam a luz e os aplausos enquanto a cortina se abre novamente. Os atores avançam tomados pelas mãos.

Armande *Monsieur*, o senhor está nervoso.

La Fontaine É verdade que não percebem? A senhora está grávida... São donos de uma companhia, de um teatro, têm prestígio e... Estão suicidando-se publicamente. Eu não consigo entender, boa noite. (*vai embora*)

Armande É apenas teatro, La Fontaine, fique sossegado. Apenas teatro.

Os atores apontam para Molière, este se adianta radiante para receber os aplausos do público.

IV

Corredor da Academia de Letras

La Fontaine (*entrando*) No geral, gostaram bastante da *Fedra* de Racine.

Molière (*entrando*) Não diga. (*eles falam enquanto caminham*)

La Fontaine Hoje de manhã, na corte, falava-se de Racine como o poeta do século.

Molière Ah, não acredito. Do século inteiro?

La Fontaine O César do idioma francês. Fala-se que com Racine a língua francesa tem alcançado maior esplendor e nobreza de expressão.

Molière Quantas vezes os atores de *Fedra* voltaram para receber aplausos?

La Fontaine A arte não é concurso de aplausos.

Molière Então, não fale.

La Fontaine Então, não falo. Molière, enquanto o Rei...

Molière Fale.

La Fontaine (*depois de dar três passos em silêncio*) Voltaram quatro vezes.

Os passos de Molière ficam leves, seu jeito de caminhar lembra os passos daquele balé. Um, dois e três, s'il vous plaît. Ambos entram num escritório da Academia de Letras.

Escritório da Academia de Letras

La Fontaine Molière, falemos de nosso assunto, enquanto o Rei está comandando seu exército em Flandres...

Molière (*muito rápido*) A fábrica de patê transformou-se em fábrica de munições. A fábrica de cristais virou fundição de espadas e fuzis. Os rapazes da escola de artesãos perderam os aventais e acabaram usando uniformes de soldados, vermelhos e azuis. E...

La Fontaine Molière, não é esse nosso assunto.

Molière Ah! Não é? Eu pergunto o seguinte: desde a década passada a França se converteu na grande sedutora da Europa...

La Fontaine Meu Deus! Sofre de incontinência verbal.

Molière A Europa toda dança com a nossa música, se delicia com a nossa cozinha, ri conosco.

Por que, de repente, queremos conquistá-la a canhões?

La Fontaine Não seja ingênuo. Porque o império das armas é o mais seguro.

Molière Porém odioso.

La Fontaine E mais lucrativo.

Molière Mas ...

La Fontaine Molière! Não é esse o assunto! Quer fazer o favor de calar essa boca.

Molière Eu não sei se vou conseguir. Posso tentar. (*leva o indicador aos lábios*)

La Fontaine Muito bem. Enquanto o Rei está em Flandres, eu tenho que bancar o juiz na briga entre o Arcebispo e o senhor. O Arcebispo está tomado por um furor assustador.

Molière Bravo!

La Fontaine Ele quer fechar o seu teatro.

Molière (*subitamente ofendido*) Por quê?

La Fontaine Como por quê?

Molière É!! Por quê?!

Um longo silêncio.

Molière (*falando devagar por causa da falta de ar*) O senhor já se perguntou como seriam as coisas se o prazer fosse sagrado e a dor fosse pecado?

La Fontaine Molière, por favor.

Molière Que pobre diabo aceitaria ser enviado pelos poderosos do mundo a conquistar Flandres? Quem largaria sua pequenina felicidade para matar ou ser morto em nome de uma absurda e incerta glória futura?

La Fontaine Molière, por favor! Primeiro discutimos o futuro da Europa e agora o da Humanidade?

Molière Eu conheço o demônio, *monsieur*. (*pausa. Molière fica sombrio como nunca antes o tínhamos visto*) Faz alguns séculos substituiu Deus na terra. Ele é grave, profundo, pesado, pedante, solene e guerreiro. Não sabe dançar, por isso imobiliza o próximo para dominá-lo. Não sabe cantar, por isso mata dando

estocadas. Chama-se espírito da seriedade, a miséria alheia é a moeda corrente dos seus negócios. Sim, eu odeio, odeio. Odeio todos aqueles abutres que agem em seu nome assassinando o prazer. Odeio, odeio!

Molière se interrompe. O Arcebispo e Racine entram com passos lentos e solenes, depois sentam-se.

Escritório da Academia de Letras

Molière, exibindo um sorriso bobo de súplica, fala com o Arcebispo.

Molière É apenas teatro, Eminência. (*tosse*) Divertimento fácil.

O Arcebispo limpa a garganta.

Molière Em todo caso. (*tosse*) Vou fazer dele um padre impostor. Um falso sacerdote. Um hipócrita, um cretino.

Arcebispo Vai ser um homem trajando uma batina e seduzindo uma mulher casada. Em resumo, é isso que o povo verá e sua fé em Deus ficará desnorteada.

Gonzago entra trazendo uma bandeja com uma jarra e um copo de água que deposita na mesa. Serve o copo e degusta profissionalmente a água.

Molière Não, a sua fé em Deus não, Monsenhor. Talvez a fé em certos padres imperfeitos que acredito que existam.

Arcebispo Existem, ninguém duvida disso. A imperfeição faz parte da condição humana, portanto, só nos resta aspirar pela virtude divina. Mas, por que transformar a imperfeição humana em espetáculo? Por que celebrá-la?

Molière Não a estamos celebrando. (*tosse*) Talvez estejamos tentando discutir até que ponto a própria ideia de perfeição é imperfeita. (*sente dificuldade para respirar*) Talvez isso seja contra a natureza.

Arcebispo Somos cristãos, *monsieur*. E a prática cristã exige que elevemos nosso espírito por sobre o corpo carnal. Por isso, certamente, trata-se de uma *praxis contra natura*. Da mesma forma que nossa arte cristã está empenhada em mostrar a vida como ela deveria ser e não como ela é.

Molière (*levantando o indicador*) Um momento, eu queria...

Arcebispo (*aumentando a voz*) No universo do dever ser, a transgressão das leis da virtude tem que ser punida, severamente punida, sempre. (*Molière volta a levantar a mão, pedindo a palavra*) Como acontece, por exemplo, na tragédia. (*para La Fontaine*) Pode informar ao Rei que conversei com o bufão como sua Majestade tinha pedido. Agora, tire ele daqui.

O Arcebispo levanta-se e sai. La Fontaine o acompanha preocupado.

La Fontaine Uma palavrinha, Monsenhor.

Molière, aproximando-se de Racine, fala com ele mesmo.

Molière Segundo essa lógica, então, as comédias devem ser proibidas em massa.

Racine É justamente isso que o Arcebispo pretende. Proibir a comédia e qualquer divertimento frívolo no reino inteiro.

Molière perde completamente o ar e fica à beira da crise asmática. Tosse.

Racine Cuide-se. O senhor está bem?

Molière (*sem ar*) Não é nada, não. Apenas estou sem ar. Então Racine, o senhor agora está representando a Academia de Letras?

Racine Sou seu presidente desde ontem.

Molière (*abalado*) Que ... bom. Ótima... notícia.

Racine pega no ombro de Molière, este o observa e baixa o olhar.

Racine Jean, a sua audácia tem o mérito de me proporcionar uma grande admiração.

Molière procura por uma saída.

Racine É por aqui, mestre.

Racine o conduz para a saída.

Corredor na Academia de Artes

Molière (*detendo-se*) Jean... A sua Fedra é... (*tosse*)

Racine volta, momentaneamente, a ser o aluno ávido por adjetivos.

Racine Sim, mestre? O senhor falava que a minha Fedra era...

Molière tem uma forte crise de tosse. Racine lhe dá seu lenço.

Molière Sua Fedra é o píncaro da expressão... (*tosse no lenço*) Ainda não assisti, porém... Jean, nas suas mãos eu deposito o meu... (*interrompe para devolver o lenço ao aluno*) Nas suas mãos deposito... (*falta-lhe o ar*) O meu futuro. (*vai embora*)

Racine fica só, abre o lenço que está manchado de sangue.

Escritório da Academia de Artes, quinze minutos depois

O Arcebispo lê um documento em silêncio. La Fontaine e Racine esperam sentados. Gonzago está ao fundo.

Arcebispo Mas, neste documento real, está faltando a acusação principal.

La Fontaine Que afirmaria...?

Arcebispo Que Molière é o anticristo.

La Fontaine ri, apenas durante o tempo em que leva para perceber, devido à expressão séria do Arcebispo, que não se trata de uma piada. Volta seu olhar para Racine, seus olhos anuviados confirmam o erro.

Arcebispo (*entrega o documento para La Fontaine*)
Vá e redija de novo.

La Fontaine sai enquanto o Arcebispo fala baixo com Racine.

Arcebispo Está com meu sermão aí?

Racine retira umas folhas manuscritas do interior de sua casaca e as entrega para o Arcebispo.

Arcebispo (*depois de ler um parágrafo em silêncio*) Magnífico. (*continua lendo*) Magnífico. (*silêncio*) Vou lê-lo em Notre Dame amanhã, domingo.

Racine Amanhã, domingo?

A respiração de Racine acelera.

Arcebispo O Rei do riso está de joelhos, devemos apressar-nos para dar o golpe de misericórdia. Antes mesmo que o Rei julgue este caso, o povo devotado sairá da missa rumo à casa dele para incendiá-la. (*bebe um gole de água*) Está com remorso? Não acredita no que acabou de escrever? (*lê a segunda folha*)

Racine Sinto uma dor no coração.

Arcebispo (*com sarcasmo*) Ah! O senhor sente dor?

Racine Sofro de taquicardia. Parece que o coração vai explodir.

Arcebispo Isso não me diz respeito, *monsieur*. O senhor não trabalha para salvar seu coração, trabalha para salvar a honra da França. (*insidioso*) E para sua glória particular.

Racine torce a boca. Ouve-se uma percussão.

Arcebispo Pois é. Quanto talento! Tenho pena do senhor. (*agora lê a terceira folha do sermão*)

Racine (*fazendo outra careta*) O senhor tem pena de mim?

Arcebispo Quanto talento desperdiçado criando ficções, criando nada, peças de teatro para mentirosos profissionais. Deveríamos deixá-lo fazer coisas no mundo real. O senhor vai ser o primeiro historiador do Rei.

Racine aperta os olhos. Ouve-se outra percussão.

Gonzago Finalmente, Jean. Faz tempo que o Monsenhor escondia essa surpresa. Vai ganhar aposentos nos palácios de Paris e de Versailles. Vai receber uma renda anual de...

Racine (*para o público, enquanto Gonzago fala com ele sem voz*) Incrível! Esse homem não sai de uma reunião sem deixar de crescer dez centímetros acima dos seus semelhantes.

Gonzago ... todo o respeito e admiração possíveis. Papai ficaria orgulhoso, Jean. É...

Racine (*para o público*) Entrego-lhe o discurso que o imortalizará como o destruidor da comédia e ele agradece tentando destruir-me como poeta.

Arcebispo O mais importante é que Racine escreverá aquilo que ficará para a posteridade sobre todos nós.

Racine (*mal controlando a sua raiva*) Monsenhor, veja se estou entendendo bem. O senhor está me pedindo que sacrifique a minha irrestrita liberdade de imaginação para transformar-me no totó do Rei? Anotando e adornando diariamente seus ditados e seus fatos?

Arcebispo Esta é uma forma curiosa de dizê-lo.

Racine Monsenhor pede para imolar séculos de eternidade. Imolar Péricles, Alexandre, Átila e todos os heróis da antiguidade. Imolando também, de vez, todos os heróis que poderiam nascer do meu mais puro e absoluto desejo. E todo esse massacre para quê? Para acompanhar o horário e os eventos do Rei Luiz, ficando assim mais escravo do tempo e do espaço do que um reles poeta menor.

Arcebispo Jean está alterado e abusando da retórica.

Racine Sou maior do que Luiz XIV, Monsenhor!

Arcebispo Ai, Jesus do céu!

Racine Maior do que o próprio Jesus! Porque quando escrevo árvore, floresce um bosque. Quando falo água, explode um oceano.

Gonzago Mas, isso não passa de fantasia, Jean. Em troca...

Racine Em troca o senhor tem inveja de mim, Monsenhor.

O Arcebispo ri.

Racine Perante a minha imaginação livre o senhor sente crescer uma fúria assassina.

Arcebispo Não seja ridículo, Racine. O senhor finalmente deixará de ser um bufão.

Racine (*com a boca torta e trêmula*) Céus, nunca! Jamais fui um bufão!

Arcebispo Todo artista é, Racine. Sempre estão despindo seu coração, exibindo-o numa bandeja para degustação pública. Totalmente dependentes da aprovação ou desaprovação do público. Sempre dispostos a transformar-se no diz que diz dos outros. Aliás, falando nisso, a que está sobrando para esse cargo é sua mulher. Uma senhora que tem experimentado a metade das camas de Paris e, como se fosse pouco, ainda ostenta o cabelo pintado de vermelho parecendo a flâmula de um bordel.

Racine (*para o público*) Pensei na hora: Vou matá-lo. Pendurá-lo pelos colhões, arrancar seus olhos e dar para os cachorros comerem.

Arcebispo Racine, esta é sua situação. É melhor desfazer-se dela. Um homem superior não pode se permitir algo ridículo em torno dele.

Racine puxa uma pistola da sua casaca, aponta para o Arcebispo e dispara.

Gonzago (*gritando*) Nãooo!!

Rapidamente, luz apenas em Racine.

Racine (*para o público*) Oh! Que delícia poder agir genuinamente na vida real. Somente os santos, os loucos e os suicidas desfrutam desse privilégio.

Volta a iluminação anterior.

Racine (*para o público*) Na enganosa vida real, eu disse apenas... (*aproximando-se do Arcebispo*)

Desculpe padre, não posso. (*Racine inclina-se para beijar o anel do Arcebispo*) Desculpe novamente, prometi um passeio de cabriolé para minha esposa. (*sai apressado*)

O Arcebispo sorri com desprezo.

Arcebispo (*voltando-se para Gonzago*) Acompanhe seu irmão no passeio. Fale de venenos.

Um músico executa percussões que anunciam desastres.

Alguém (*gritando longe*) O teatro de Molière está pegando fogo!

Populares, com os rostos cobertos por panos, invadem correndo a semiescuridão do palco. Eles carregam objetos indefinidos, fardos de tecido, capacetes romanos, cadeiras, um espelho, levam tudo o que encontram no seu caminho, cadeiras e o tapete do cenário. Fogem depois de ter pilhado completamente o teatro do Palais Royale. Sua aparição deve ser rápida e barulhenta.

Ouvimos uma percussão constante e preocupante. Ilumina-se uma estrada.

Uma carruagem na estrada

Molière entra em cena com a cara e a camisa sujas por causa do incêndio. A febre são pérolas de suor incrustadas na sua cabeça e em todo o corpo. La Fontaine o acompanha.

Molière Seus súditos incendiaram o meu teatro, Majestade!

La Fontaine É um bom começo de discurso, continue. (*para o cocheiro que os espera na carruagem*) Rumo a Flandres.

Sobem na carruagem, sem parar de falar.

Molière (*respirando pela boca*) Majestade, a plebe foi insuflada pelas palavras do Arcebispo,

aquela mesma plebe ignara que eu fazia rir incendiou o meu teatro.

O cocheiro dá uma chicotada, iniciando a viagem.

La Fontaine Continue, Molière, mas sem fazer poesia.

Molière Minha esposa teve um filho prematuro.

La Fontaine Uma criança.

Molière Sim, uma criança, um pequeno anjo.

La Fontaine Morto. Não perca o impulso. Acredite no poder dos fatos.

Molière De repente, Majestade, compreendi que talvez. Não, que certamente.

La Fontaine Perfeito, que certamente.

Molière Majestade, de repente eu compreendi que existem coisas infinitamente mais importantes do que o prazer. Quais, por exemplo, La Fontaine?

La Fontaine Sei lá eu!

Um buraco na estrada e os viajantes pulam. O cocheiro amaldiçoa e Molière continua com seu discurso.

Molière Percebi também que dentre todas as artes, a comédia é a menos séria. (*ofegante e fanfarrão*) Pff! (*crise de tosse*)

La Fontaine O que disse o doutor da sua falta de ar?

Molière Que sou um poeta menor. (*ele ri, mas La Fontaine não. Olhando pela janelinha da carruagem*) Trigais, olhe.

Cocheiro San Remy, meu senhor.

Molière Lindos.

La Fontaine Temos que arrumar outra camisa.

Molière Meu querido La Fontaine, passei a minha vida tentando fazer rir os outros. O senhor sabia que quando era criança e minha mãe estava doente, eu ficava o dia inteiro latindo, grasnando, correndo como uma galinha, pulando como um sapo só para ela rir. Não consegui curá-la, ela morreu quando eu tinha sete anos.

Outra chicotada e outro berro do cocheiro.

La Fontaine Se o senhor tivesse feito menos pessoas felizes, agora Jean Baptiste não estaria desagradando a tantos.

Molière Vou me apresentar assim, com a camisa manchada pelo incêndio. Fique sossegado, vou tirar lágrimas de compaixão do Rei. (*com vivacidade e uma pitada de petulância*) Eu entendo, Majestade Sereníssima e Magnificante e blá, blá e blá, existem coisas infinitamente mais importantes do que o prazer.

Subitamente ilumina-se um campo de batalha.

Um enorme baldaquino num campo de batalha

Rei (*bravo e irritado*) Como esta guerra, por exemplo. Esta guerra que é verdadeira, diferente das suas guerras teatrais lá em Paris.

Um soldado protege o Rei com um guarda-sol, atrás vemos mais soldados com mosquetões e armaduras. Molière está de joelhos. Uma fumaça branca paira de leve no ar.

Molière Tenho me arrastado como uma formiga, Majestade, evitando ser esmagado pelos poderosos deste mundo. E agora acontece que o próprio Rei também está disposto a me esmagar a qualquer custo.

Rei Chega de formigas. Odeio suas formigas!

Repentinamente, o Rei levanta-se de sua cadeira, os soldados produzem um ruído metálico ao mudar de posição os mosquetões.

Molière Minhas formi...

Rei Cinco mil homens vieram cavalgando do Leste até aqui, arrastando duzentos canhões. Dez mil soldados cruzaram a pé os Alpes inexpugnáveis para chegar até aqui. Dez mil mais estão desembarcando nas costas do Mar do Norte para providenciar mantimen-

tos para este numeroso exército. E sua metáfora da sociedade como um formigueiro me bate na cabeça, me deixando completamente desapontado. Eu não sou nenhum Rei de formigueiro, meu senhor!

Molière Não... Não... Quem falou isso?

Rei O senhor falou que sua arte consistia em ver o mundo desde as alturas, como um Deus ou como um homem que olha para um formigueiro.

Molière Sim, mas...

Rei A França não é o formigueiro invasor do formigueiro holandês, meu senhor!

Molière Não, em absoluto.

Rei E o senhor, sim, o senhor! Com seu jeito de olhar as coisas, em nada contribui para engrandecer o espírito da França, das nossas conquistas. Seu olhar insulta nosso sacrifício, diminui nosso heroísmo. A única coisa de que não precisamos neste momento que nos deparamos com a História, neste exato momento em que Luiz XIV está pronto para dar a primeira ordem de ataque... O que está fazendo esse homem?

Molière começou a despir-se.

Molière Estou devolvendo a camisa que pertence ao seu império (*tosse*) As calças. (*tosse*)

Rei Faça alguma coisa, La Fontaine. Este homem está doido.

Molière, ofegante, continua tossindo e despindo-se. La Fontaine aproxima-se apenas para recolher as roupas.

La Fontaine Majestade, ele está febril. Febre muito alta.

Molière O senhor desculpe por... (*vai retirando-se ofegante e fazendo reverências*) Por não deixar também a pele do meu corpo como se fosse... (*tosse*)

La Fontaine Ele está cuspidando sangue.

Molière (*voltando pelas suas botas*) As botas eu levo

sim. (*retirando-se*) E também o meu rosto feio, mas... (*sai tossindo*)

La Fontaine (*também saindo*) Está delirando e...

Rei Pode dar a ordem de ataque.

A corneta comunica a ordem.

Música épica. Estrépito de canhões. O palco é tomado por uma enorme fumaça branca. O Rei e seus soldados desaparecem na fumaça.

Vai crescendo uma iluminação fria. Estamos no meio de um descampado.

Descampado

Molière caminha desnudo com as roupas penduradas no ombro, envolto pelo silêncio da fumaça branca. Pausa. Molière olha para o público.

Molière Quando vocês ficam calados... Quando desistem de lutar, de competir, de explicar, de reclamar, de matar, de morrer, de... (*tosse*) E ficam finalmente calados... Vocês estão ouvindo? (*silêncio*) Ele sempre está ali, imaculado, por cima e por baixo do ruído que vocês fazem, que nós fazemos... (*silêncio*) É de uma vitalidade... pura. Entusiasmo puro. O silêncio... O riso de Deus... O silêncio. (*pausa. Molière leva o indicador até os lábios, depois realiza um gesto que significa algo que sai dele em direção ao silêncio*)

A luz desce devagar nesse espaço e aumenta, também devagar, nos jardins de Versailles.

Jardim de Versailles

É uma noite de nevoeiros. Continua a fumaça.

Guarda distante O Rei solicita o comparecimento do leitor real em seus aposentos.

Racine desce do grande espaço superior envolto pelo nevoeiro, usa uma bengala na mão direita. Ele progrediu bastante nos quinze anos que trans-

correram na nossa história. Ganhou peso, tanto espiritual quanto físico, quinze quilos, e está impecavelmente vestido. Usa uma preciosa casaca de brocado, leva dez condecorações no peito, uma peruca impressionante e o rosto maquiado.

Guarda próximo Monsieur Racine, historiador e leitor do Rei.

Racine (*durante toda a cena, dirige-se ao público*) Isso mesmo. Historiador do Rei Sol. Sumo Pontífice da nova religião do império, o en-deusamento de Luiz XIV. Dicionário vivo dos adjetivos com que será conhecido, ou acreditarão conhecer nosso maravilhoso século, na Posteridade.

A última frase foi dita com uma ironia que desconhecíamos nele e que agora está incorporada na sua personalidade.

Guarda distante Tesoureiro da França.

Guarda próximo Tesoureiro da França.

Racine Ah, essa história esteve cercada de terríveis intrigas.

Guarda distante Presidente da Academia Francesa de Artes.

Racine Presidente, além de ser o membro mais jovem jamais aceito na Academia. Nem Molière, nem La Fontaine desfrutaram dessa glória.

Guarda próximo Presidente da Academia Francesa de Artes.

Racine A Academia não se engana nos seus argumentos. Trata-se de escritores pouco sérios, infelizmente.

Guarda distante Conde de Romanet.

Racine (*falando agora na frente do palco*) Depois que morreu minha bela e amada Madame du Parc, por causa de um envenenamento misterioso, provavelmente intoxicada com mariscos. O que mais eu poderia fazer senão desposar uma condessa?

A pergunta é sincera e deixa Racine absorto.

Guarda próximo Conde de Romanet.

Guarda distante Cavalheiro Leitor de Cabeceira da Cama do Rei.

Guarda próximo Cavalheiro Leitor de Cabeceira da Cama do Rei.

Guarda distante Cavalheiro Leitor de Cabeceira da Cama do Rei.

Guarda mais distante O Rei solicita o comparecimento do Cavalheiro Leitor nos seus aposentos.

Racine (*de repente fica muito irritado e acaba tomado pelo tique*) Já ouvi! Já ouvi, meu Deus!

Racine fica de costas para o público e faz uma reverência. Nesse momento se produz uma mudança de luzes. Escuta-se uma música majestosa e o Rei desce do grande espaço superior prestando atenção ao discurso do Arcebispo, que está escoltado por Gonzago. Enquanto isso, dois criados introduzem uma mesa longa e estreita que fica ocupando todo o espaço central, um terceiro criado posiciona uma cadeira no centro da mesa. Encontramo-nos no aposento real.

Aposento real

Arcebispo Molière foi excomungado, Majestade. E tem mais, a própria arte da comédia está proibida. Agora que a guerra acabou, não será justamente Molière quem deverá divertir os estropiados, isso é totalmente contraditório.

Rei (*bem-humorado*) É muito simples, desexcomungue, Monsenhor.

Racine estala os dedos e a cena para.

Racine (*para o público*) Dez de fevereiro de 1673. Discussão no aposento real sobre o destino de Molière que ainda está vivo, porém agonizante.

Racine com um gesto de mão, os cinco dedos se abrindo como uma flor, marca cinco segundos para o Rei retomar a sua fala.

Rei É muito simples, desexcomungue, Monsenhor. Levante a proibição da comédia. (*indo sentar-se à mesa*) A guerra acabou e os estropiados precisam rir de alguma coisa.

Dois criados servem perdiz grelhada e uma taça de champanhe para o Rei.

Arcebispo Majestade, Molière é um libertino, um depravado, incestuoso, blasfemo e ateu. (*procurando o apoio de Racine*) Não é verdade?

Racine fica em silêncio, não quer opinar. O Rei começa a destrinchar a perdiz com a mão.

Rei Qual é sua opinião, senhor historiador.

Racine Molière perdeu tudo, menos o riso. Além do mais está morrendo, são seus últimos dias, segundo os médicos.

O Rei come uma coxa da perdiz.

Racine Por outro lado, existem doze mil inválidos de guerra; são poucos, segundo os militares. Representam apenas a décima parte do exército. Mas, os que sacrificaram uma perna, um olho pelo Rei, merecem da França o eterno respeito.

O Rei deixa a perna de perdiz no prato, ficou sem fome.

Racine Não sejamos inutilmente cruéis, Monsenhor. Agora não vem ao caso.

Rei *Voilà!* (*bebe um gole de champanhe*) Sejamos magnânimos. Desexcomungue-o e que hoje mesmo faça um espetáculo dedicado à Santa Mãe Igreja.

Arcebispo É impossível.

Todos ficam quietos por um instante.

Arcebispo Sua Alteza é soberana sobre todos seus súditos, mas em relação aos deveres do Rei para com Deus, a Igreja tem maior soberania.

Novo constrangimento. O Rei joga o peito da perdiz na cara do Arcebispo e levanta-se gritando.

Rei Seu incendiário! (o Arcebispo corre procurando a saída, Gonzago o acompanha) Desexcomungue já! (pega um guardanapo para limpar-se e fala para Racine) Se a desexcomunicação, ou como se fale, não chegar em tempo, vamos cortar-lhe a cabeça. Vai falar para ele.

Racine sai ao encontro do Arcebispo.

Racine Monsenhor, se a desexcomunicação não chegar em tempo...

Arcebispo Já escutei.

Racine Vão cortar-lhe a cabeça.

Arcebispo Racine, lembre-se a quem deve tudo. Quem o levou às alturas, quem livrou o senhor da puta da sua mulher.

Rei Racine!

Racine torce a boca, sente-se um pau-mandado. Então faz algo inesperado, leva a mão até a cabeça de Monsenhor, retirando o solidéu para jogá-lo fora. O Arcebispo vai à procura do solidéu, os irmãos Racine se encaram fixamente por um tempo. Depois Gonzago sai a procura do seu dono, o Arcebispo; e Racine volta para o seu, o Rei.

Rei (indo sentar-se, ainda de péssimo humor) Racine, leia alguma coisa. Quero dormir um pouco.

Racine retira da sua casaca um manuscrito, enquanto os criados recolhem os pratos da mesa e limpam os pedaços de carne espalhados pelo chão.

Rei O que está estreando Molière hoje?

Racine Uma peça chamada *O hipocondríaco* ou *O doente imaginário*.

Rei (rindo) Então, ele acredita que não está mortalmente doente como falam os médicos. Que homem extraordinário.

Racine Extraordinário. É um velho que nunca saiu da infância.

Rei Poderia ler para mim *A vida de Molière*, escrita pelo senhor? Essa é sua nova incumbência.

Racine, sem poder evitá-lo, vira devagar a cabeça para a esquerda e depois violentamente para direita.

Rei Não? Está dizendo que não, Jean?

Racine (apavorado) Não! Quer dizer sim! Quer dizer, é o meu tique que disse que não, mas eu digo que sim, Majestade.

O Rei fecha os olhos.

Rei Então, vamos ouvir.

Racine abre o manuscrito.

Racine (lendo) “Como já apontamos anteriormente, a história de Luiz, o grande, consiste num encadeamento contínuo de fatos maravilhosos, por ele iniciados e por ele concluídos, luminosos quando executados, porém misteriosos antes da sua realização. Narraremos agora o que aconteceu na noite em que seu exército atravessou o rio Reno. A cavalaria encontrava-se parada na ribeira do amplo rio, que brilhava como se fosse de aço, sob a luz da lua cheia”.

Racine deixa de ler porque o Rei dormiu. Retrocede uns passos tentando ir embora sem fazer barulho, mas o Rei acorda.

Rei Racine.

Racine Majestade.

Rei Faça uma visita a Molière, certifique-se de que ele esteja em boas condições para fazer a representação. Cancele se existir o menor risco de vida ou de que sua saúde piore. Agora, quanto ao Arcebispo...

Racine Sim, Majestade?

Rei Aproxime-se. Quanto ao Arcebispo, esperamos pelas piores notícias.

Palco do novo teatro de Molière

Os lampadários do teatro encontram-se a dez centímetros do chão e estão sendo erguidos com

todas as suas velas acesas. Renée comanda a operação e Madeleine, de óculos e fumando seu cachimbo, costura um botão para Barão. Armande está brigando com Molière, como sempre o fazem, dentro ou fora do palco. Molière fala, aparentando tranquilidade, a fraqueza lhe outorga um ar de sabedoria. Está muito pálido, sentado na sua cadeira, veste um camisolão branco e usa uma touca de dormir cor-de-rosa. Ao seu lado, um médico está lhe fazendo uma sangria no braço.

Armande É pela honra?! Pela honra de morrer em cena?

Molière Não. Pela honra não vou morrer em cena. Vou fazer o espetáculo pela minha honra! (*tosse*)

Armande O médico disse que você não aguenta o espetáculo.

Molière O que sabem fazer os médicos? Receitar e cobrar; a cura é por conta do paciente. Não é nada contra o senhor, doutor. É contra a medicina.

Armande Não tem graça nenhuma, Molière.

Molière Que pena. Acontece que eu tenho inveja dos médicos. Seus êxitos brilham sobre o sol, seus fracassos são enterrados sob a terra.

Lully assoma a cabeça pelo centro da cortina de fundo.

Lully Ingressos esgotados. Deixamos entrar o público?

Madeleine corta o fio do botão de Barão.

Madeleine (*para Barão*) Pronto. Pode deixar entrar, Lully. Renée, espere pela primeira chamada.

Armande pega na mão do seu marido.

Armande Molière, eu lhe peço...

Molière dá um beijo barulhento na mão de Armande. Depois "limpa" o beijo com um punho. Enquanto isso acontece, Lully, Barão e Renée ficam olhando para a coxia.

Armande Mamãe, diga para ele que odeio essa brincadeira.

Porém, Madeleine também virou para olhar o personagem que se aproxima pela escuridão da coxia. Molière acompanha os olhares e sorri.

Molière (*num tom afetado e grandiloquente*) Eis então que se apresentou a morte.

Racine surge na luz do palco, está impressionante, usa capa, bengala e uma peruca sofisticada.

Racine Ainda não é a morte, *monsieur*. É apenas seu emissário, a tragédia. (*Racine troca o apoio da bengala*) Trago uma mensagem para o senhor, é secreta, é do Rei.

Molière Falemos no terraço. (*levanta-se com dificuldade*)

Racine No terraço?

Molière (*sai apoiando-se no braço de Racine*) Preciso de ar.

Toca um sino ao longe.

Racine (*num tom lúgubre*) Às sete da noite.

O sino continua tocando.

Escritório do Arcebispo

As badaladas escutam-se agora mais próximas. Gonzago segura uma bandeja com um copo de água numa mão e, com a outra, despeja o líquido de um conta-gotas. Depois guarda o frasquinho debaixo da batina.

O Arcebispo, encurvado pela idade, entra lendo uma carta, usa uns pequenos óculos com aro de ouro. Gonzago aproxima-se oferecendo água.

Gonzago Eminência. (*o Arcebispo não pega o copo, continua lendo*)

Arcebispo Decidiu?

Gonzago Sim, Eminência. A partir de hoje foi o meu irmão quem envenenou Madame du Parc.

Arcebispo Sabe o que vou fazer com seu irmão?
Gonzago Prendê-lo numa cadeia no fim do mundo.

O Arcebispo pega o copo, mas não bebe.

Gonzago olha ensimesmado para o copo de água na mão do Arcebispo.

Arcebispo O que o senhor está esperando?

Gonzago ...

Arcebispo (*bebe o copo de água*) Está sorrindo por quê? Vai embora, rato!

Gonzago vai saindo sem dar as costas. O Arcebispo cai de joelhos, leva as mãos à garganta que está fechando, tenta gritar e tomba de costas. Gonzago corre até ele.

Gonzago Eminência? (*levanta a saia da batina e chuta o rosto de Monsenhor*)

Gonzago contorna o corpo procurando pelo rosto do Arcebispo, levanta novamente a saia da batina para poder chutar melhor outra vez.

Gonzago (*depois de bater*) Perdão, Eminência.

Terraço no teatro de Molière

Molière, com ar travesso, vai surgindo pela abertura que dá para o terraço do teatro. Continua com o camisolão branco e a touca cor-de-rosa de dormir.

Molière Não, não preciso de figurino para entrar em cena. O hipocondríaco de camisolão perpétuo. (*tosse*) Escrevi uma peça em que posso estar completamente à vontade. Onde posso tossir, respirar pela boca, desmaiar, gaguejar, suar. Quer dizer, exibir o esplendor da minha encantadora personalidade.

Racine começa a aparecer pela abertura.

Molière Uma peça onde, inclusive, posso ter uma crise de asma e morrer em cena, sem mudar o argumento.

Racine, meio corpo fora da abertura, fica gelado ao ouvir a última fala.

Molière É. Se morrer em cena quer dizer que o doente não era imaginário, a peça teria um final um tanto abrupto, mas com uma moral da história bem clara. Eu tinha razão e os outros não acreditaram. (*pausa durante a qual Molière e Racine se olham fixamente*) Tem certeza de que as perucas estão na moda na corte?

Racine Fazer o quê? Nosso jovem Rei está ficando prematuramente careca, agora todo mundo tem que usar peruca.

Molière (*ri, olhando para o céu*) Ar, era disso que eu estava precisando. Venha, sente-se.

Racine procura com o olhar. Não existe uma cadeira para sentar.

Racine Não, obrigado. Estou bem assim.

Molière (*rindo*) Oh, Racine! Racine! (*para a abertura no chão*) E a banquetta? Cadê a banquetta?

Surge a mão de Renée segurando uma banquetta. Molière pega-a junto com a garrafa de champagne e duas taças que lhe são oferecidas. Racine se aproxima para tirar a banquetta das mãos de Molière.

Racine Licença, mestre.

Molière Eu sozinho dou conta.

Racine Não, não, o senhor está doente.

Ficam disputando a banquetta e as palavras.

Molière Estou bem demais!

Racine De jeito nenhum.

Molière Puta merda! Estou bem!

Os dois param e riem suavemente, deixam a banquetta no chão. Molière senta-se no chão e serve o champagne nas taças, enquanto Racine fala em pé olhando para o céu.

Racine Eu estava dizendo que sim, mestre, que minha vida tem sido vitoriosa. Agora, pres-

te atenção no paradoxo. A minha pena, essa delicada gazua que tem aberto todas as portas para mim, essa mesma pena me transformou num escritor tão importante que agora não tenho mais tempo para escrever. Quer dizer, não escrever outra coisa que não sejam suntuosas loas ao Rei e terríveis improperios contra meus inimigos. Sabe, escrita burocrática? *(recebe a taça que Molière lhe oferece)*

Molière Ficou irônico, Jean?

Racine *(sentando-se na banquetta)* Quando a tragédia se instala no mundo como numa boa poltrona, ela vira ironia.

Molière Embora não exista dramaturgo vivo, nem morto, mais montado em toda a Europa do que Jean Racine.

Racine Grande coisa. Foram oito tragédias escritas por aquele jovem sombrio e desamparado que fui um dia, as que me proporcionaram a imortalidade em vida. Acho que tudo poderia ser contado assim: sacrificou a paixão pela glória aparente.

Molière levanta a taça para fazer um brinde.

Molière Pela melancolia dos monumentos históricos.

As taças se entrecrocaram. Racine capta imediatamente a ofensa escondida por trás da frase e começa a sofrer uma saraivada de tiques. Molière não percebe porque virou para a abertura de onde surgiu René.

Renée Primeira chamada, Molière?

Molière *(furioso)* Você ainda pergunta?

Renée Também podemos vender ingressos para o velório, ou...

Molière Ninguém pediu a sua opinião, pode dar a primeira chamada. *(tosse)*

Renée desaparece pela abertura. Molière acalma Racine que o olha assustado.

Molière Fique sossegado, não pretendo morrer hoje. Nem amanhã, nem depois de amanhã. Nunca. *(ri e tosse)* Se eu morrer no palco, morrerei feliz. Olhe, não existe nada melhor para fazer do que isso.

Racine Não terá por que fingir felicidade durante sua morte. Será mais uma morte terrível, como são todas as mortes. Mas, se acontecer no palco será uma morte sublime.

Molière *(parece perguntar)* Sublime.

Racine Jean, uma morte que poderia ser narrada para a posteridade como uma história carregada de significados. Claro, teria que ser contada por um narrador que tenha estofo. Uma morte como essa é lendária por natureza. Lendária do latim legenda, algo digno de ser lido.

Molière Grande novidade, *monsieur* historiador.

Racine Estou enganado ou o senhor prefere assim? O grande comediante, afundando no horror do nada, tendo como pano de fundo as gargalhadas do seu público. O senhor finalmente representará uma grande tragédia.

Molière observa Racine por um instante e depois olha o céu com saudade. Silêncio.

Molière Nada disso, eu vou morrer de um jeito melhor. Afinal, só tenho uma oportunidade para fazê-lo. Morrerei no meu melhor estilo. *(fecha os olhos e relaxa)*

Silêncio.

Molière *(muito baixo)* Entregarei meu corpo devagar, parte por parte, como quando o amante se entrega ao prazer, parte por parte até esquecer-se de si mesmo.

Longa pausa.

A mão de Molière que segura a taça relaxa totalmente. Racine apavorado contempla o perfil sereníssimo do seu mestre. Ajoelha-se e leva sua mão até a frente de Molière.

Racine Mestre. *(tem um nó na garganta)* Mestre.
(chora)

Molière A frase é de Sócrates.

Racine *(rude)* Não, não é de Sócrates.

Molière *(abre os olhos e senta)* Tanto melhor. Então é minha.

Racine Tão sua quanto idiota. O nada não é silêncio e prazer. É horror. Um grito terrivelmente mudo.

Surpreendentemente ágil, Molière salta num pé e interpreta um grito mudo e terrível. Ele ri enquanto Racine torce a boca, puxa o indicador, sacode a cabeça, passa o indicador pelos lábios.

Molière *(de repente fica com remorso)* Não sofra, Racine. *(mas depois começa a imitá-lo alegremente, torcendo a boca, sacudindo a cabeça e passando o indicador pelos lábios)*

Racine *(furibundo)* Muito bem, mestre. Pode morrer feliz só para me contrariar. *(indo para a abertura)* Morra junto com seu otimismo e sua frivolidade. Tenha piedade e morra já, morra agora porque...

Então Molière que estava apenas sorrindo, aperta os dentes, leva a mão ao peito e cai sentado na banqueteta, tomado por uma violenta crise de tosse. Racine volta angustiado e se aproxima dele, decidindo salvá-lo.

Racine Molière, o Rei ...

Molière tosse no rosto de Racine.

Racine *(falando mais alto)* O Rei ordenou que o senhor não fizesse espetáculo se estivesse correndo perigo de vida.

Molière cobre com sua mão a boca de Racine, com a outra pede para ele fazer silêncio, levando o indicador até os lábios. Depois que a crise passa, aspira o ar profundamente, demonstrando que está em silêncio.

Pausa.

Racine se recompõe, afasta-se do contato físico, tira um lenço de sua manga e limpa o rosto. Molière tosse, só uma vez.

O silêncio toma conta do terraço.

Molière pega sua taça, depois a outra, que entrega a Racine. Encostam as taças, tchim-tchim, bebem. Racine está banhado em lágrimas. Molière deixa sua taça no chão, levanta-se com dificuldade e enfia-se na abertura.

A luz do terraço vai diminuindo até deixar apenas um foco em Racine.

Racine *(falando ao vento, chorando)* Molière não morreu no palco aquela noite.

Pausa.

Racine *(para o público)* Morreu uma semana depois. Fez o espetáculo, voltou para casa, deitou-se na cama, tomou uma canja e morreu. É, morreu como qualquer filho da mãe, quer dizer, na cama. Suas últimas palavras não foram necessariamente extraordinárias. Tem mais, precisa ser uma alma sofisticada para não tomá-las por algo insignificante. Depois de se enfiar na cama e de tomar a supracitada canja de galinha, a sua esposa Armande perguntou se podia retirar o prato de sopa vazio. Então Molière, já quase sem alento, ficou pensando durante um, dois, três segundos e suas últimas palavras foram...

Acende-se uma luz no fundo, iluminando Molière.

Molière *(realizando uma graciosa reverência)* *S'il vous plaît.*

Racine Para todos aqueles que não falam francês, eu traduzo. A seu bel-prazer.

Molière marca três compassos dos movimentos de uma dança, abre os braços e fala.

Molière *S'il vous plaît!*

Começa uma música alegre e no fundo vemos um corredor de luz por onde aparecem dançando

os atores da companhia de Molière. Armande e Madeleine, as duas mulheres de sua vida, Barão, seu afilhado, René, Madame du Parc e talvez dois guardas. Todos saem e, por um momento, o corredor fica vazio.

Finalmente surge o anjo do monociclo, o anjo do riso, atravessando o palco a toda velocidade.

Blackout.

☆